



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

IZABELLA OHANA SANTOS CHAGAS MONTEIRO

**Os efeitos ideológicos das hierarquias raciais nas construções de
sentido em Libras**

GOIÂNIA

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Izabella Ohana Santos Chagas Monteiro

3. Título do trabalho

Os efeitos ideológicos das hierarquias raciais nas construções de sentido em Libras.

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Izabella Ohana Santos Chagas Monteiro, Discente**, em 20/05/2026, às 12:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Hildomar Jose De Lima, Professor do Magistério Superior**, em 20/05/2026, às 20:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6207179** e o código CRC **62264A9E**.

Referência: Processo nº 23070.007962/2026-17

SEI nº 6207179

IZABELLA OHANA SANTOS CHAGAS MONTEIRO

Os efeitos ideológicos das hierarquias raciais nas construções de sentido em Libras

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Letras e Linguística.

Área de concentração: Estudos Linguísticos
Linha de Pesquisa: Língua, Sociedade e Cultura
Orientador: Prof. Dr. Hildomar José de Lima

GOIÂNIA

2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Monteiro, Izabella Ohana Santos Chagas
Os efeitos ideológicos das hierarquias raciais nas construções de sentido em Libras [manuscrito] / Izabella Ohana Santos Chagas Monteiro. - 2026. LXXXII, 82 f.: 2026

Orientador: Prof. Dr. Lima Hildomar José
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2026.

1. Ideologias Linguísticas. 2. Surdez e Negritude. 3. Libras e Racismo. 4. Raciolinguismo..

I. Hildomar José, Lima, orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 16 da sessão de Defesa de Dissertação de Izabella Ohana Santos Chagas Monteiro que confere o título de Mestre em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos.

Aos vinte dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e seis, a partir das 9h30, via Google Meet realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "Os efeitos ideológicos das hierarquias raciais nas construções de sentido em Libras". Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Hildomar José de Lima (PPGLL/FL/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Karla Alves de Araújo França Castanheira (UFOP), membro titular externo; Professora Doutora Tânia Ferreira Rezende (PPGLL/FL/UFG), membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos vinte dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e seis.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Tania Ferreira Rezende, Professora do Magistério Superior**, em 14/05/2026, às 12:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Hildomar Jose De Lima, Professor do Magistério Superior**, em 15/05/2026, às 19:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Karla Alves De Araujo Franca Castanheira**, **Usuário Externo**, em 20/05/2026, às 09:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6186005** e o código CRC **0AC196A9**.

Referência: Processo nº 23070.007962/2026-17

SEI nº 6186005

A verdadeira tarefa política consiste em criticar o trabalho das instituições que aparentam ser tanto neutras como independentes; criticá-las de tal maneira que a violência política que sempre exerceram camufladamente por seu intermédio seja desmascarada para poderem ser combatidas.

(Michel Foucault)

AGRADECIMENTOS

Deposito aqui nesta dissertação os sobrenomes daqueles que vieram antes de mim, para que eu não me esqueça de onde vim e que esses entendam que graças a todos os esforços conjuntos deles – que não tiveram as mesmas oportunidades que me foram dadas – posso me tornar mestre. Dessa forma, a construção desta dissertação contou com a colaboração e participação de diversas pessoas, direta e indiretamente, as quais devo agradecer imensamente:

Aos meus pais: Osvaldo e Cassiane, por sempre oferecerem a mim tudo que estava a seu alcance, por sangrarem para me deixar sonhar com o impossível, acreditarem em mim, apoiarem-me, incentivarem e acompanharem-me em todas as etapas de minha vida. Obrigada por terem me dado asas para voar e raízes para voltar.

Ao meu irmão, Guilherme, que me apoia e acredita em todo o meu potencial, que me incentiva com sua companhia e está comigo desde que chegou ao mundo, nunca me esquecerei desse acontecimento, que me presenteou contigo e me fez nunca mais estar só.

Ao meu tio Osmar e a minha avó Marlene, por serem incentivadores e verdadeiros espelhos, ambos apaixonados pela educação e crentes de que ela é a chave que abre a porta da liberdade.

Em especial, ao meu querido orientador, Professor Doutor Hildomar José de Lima, que faz jus à função de orientador; o qual admiro e respeito profundamente pelo trabalho que realiza e pela forma como lida com suas relações no ambiente acadêmico. Sua dedicação e extrema atenção me orientaram sempre a como percorrer o melhor caminho. Essa pesquisa também é fruto de sua dedicação.

RESUMO

A linguagem, ligada à sociedade, carrega ideais não neutros, frequentemente moldados por heranças coloniais. No Brasil, o racismo se manifesta veladamente por discursos linguísticos para dar seguimento à lógica de subalternização. No contexto da Língua Brasileira de Sinais (Libras), essa dinâmica é crucial, pois seus sinais podem veicular discursos opressores e invisibilizar as múltiplas opressões sofridas por pessoas surdas negras. Este estudo objetiva analisar as construções e os efeitos de sentido de sinais racializados na Libras, identificando como a incorporação de características fenotípicas negras materializa ideologias racistas e contribui para a manutenção de uma matriz colonial de poder que subalterniza a identidade do sujeito surdo negro. A metodologia consiste em uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL), de abordagem qualitativa, aplicada e exploratória. Utilizou-se bases de dados da SciELO, CAPES e BDTD, com os descritores "Ideologias linguísticas"; "Raciolinguismo"; "Hierarquias raciais e surdez"; "Racismo estrutural e surdez"; "Interseccionalidade e surdez"; "Sinais racializados em Libras"; "Construção e efeitos de sentido em Libras"; "Racialização e colonialidade na surdez"; "Identidade preta e surda", e utilizou pesquisas dentro do recorte temporal de 2010 a 2025. A seleção envolveu triagem por título/palavra-chave, leitura de resumos e análise dos artigos. A amostra final de 25 estudos indica a pertinência de investigar como a Libras dissemina práticas discursivas racializadas. Dessa forma, demonstrou-se que o sujeito surdo negro sofre um silenciamento interseccional: nulificado na dimensão racial e também na sensorial-linguística. A língua, portanto, revelou-se espaço de disputa simbólica onde a identidade negra surda precisa ser constantemente reafirmada contra o apagamento.

Palavras-chave: Ideologias linguísticas; Surdez e negritude; Libras e racismo; Raciolinguismo.

ABSTRACT

Language, linked to society, carries non-neutral ideals, often shaped by colonial legacies. In Brazil, racism manifests itself covertly through linguistic discourse to perpetuate the logic of subordination. In the context of Brazilian Sign Language (Libras), this dynamic is crucial, as its signs can convey oppressive discourse and render invisible the multiple oppressions of black deaf people, perpetuating a colonial matrix. This study aims to analyze the constructions and effects of meaning of racialized signs in Libras, identifying how the incorporation of black phenotypic characteristics materializes racist ideologies and contributes to the maintenance of a colonial matrix of power that subalternizes the identity of the black deaf subject. The methodology consists of a Systematic Literature Review (SLR), with a qualitative, applied, and exploratory approach. Databases from SciELO, CAPES, and BDTD were used, with the descriptors “Linguistic ideologies”; “Racial linguistics”; “Racial hierarchies and deafness”; “Structural racism and deafness”; “Intersectionality and deafness”; “Racialized signs in Libras”; “Construction and effects of meaning in Libras”; “Racialization and coloniality in deafness”; “Black and deaf identity,” and used research within the time frame from 2010 to 2025. The selection involved screening by title/keyword, reading abstracts, and analyzing articles. The final sample of 25 studies indicates the relevance of investigating how Libras disseminates racialized discursive practices. Thus, it has been demonstrated that deaf Black individuals suffer from intersectional silencing: marginalized on racial grounds as well as on sensory-linguistic grounds. Language, therefore, has proven to be a space of symbolic contestation where Black deaf identity must be constantly reaffirmed against erasure.

Keywords: Linguistic ideologies; Deafness and blackness; Libras and racism; Raciolinguism.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Sinal branco.....	22
Imagem 2 - Sinal 1 - preto/negro.....	22
Imagem 3 - Sinal 2 - preto/negro.....	23
Imagem 4 – Sinal 1 – preto/negro.....	64
Imagem 5 – Sinal 2 – preto/negro.....	65
Imagem 6 – Sinal 3 – preto/negro.....	66
Imagem 7 – Sinal 4 – preto/negro.....	67
Imagem 8 – Sinal 1 – preto/negro.....	67
Imagem 9 – Imagem equivalente ao sinal negro.....	68
Imagem 10 – Sinal 4 – preto/negro.....	69
Imagem 11 – Sinal racismo.....	70
Imagem 12 – Sinal discriminação.....	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – <i>Strings</i> de busca.....	34
Quadro 2 – Critérios de inclusão.....	35
Quadro 3 – Critérios de exclusão.....	36
Quadro 4 – Etapas de pesquisa.....	37
Quadro 5 - <i>corpus</i> textual.....	38
Quadro 6 - Seleção dos estudos.....	38
Quadro 7 - Concentração de estudos por temáticas presentes na amostra.....	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Concentração de pesquisas temáticas do raciolinguismo, da interseccionalidade e da decolonialidade no campo da surdez (2010 e primeiro semestre de 2025)48

Gráfico 2 – Concentração de pesquisas temáticas do raciolinguismo e colonialidade, da interseccionalidade e de análises linguísticas dos sinais em Libras.....49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

RSL – Revisão Sistemática de Literatura

SciELO – Scientific Electronic Library Online

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
1.1 O caráter ideológico da língua	16
1.2 Racismo estrutural e Linguagem.....	21
1.3 Interseccionalidade: Negritude e a Surdez na lógica da subalternização	25
1.4 Racialização na Libras	28
2. PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	31
2.1 Tipo de pesquisa.....	31
2.1 Estratégia de busca	33
2.3 Critérios de inclusão	34
2.4 Critérios de exclusão	35
2.5 Etapas de realização.....	37
2.6 Seleção dos estudos	37
2.7 Resultados do processo de seleção dos estudos	46
3. A LIBRAS COMO MEIO DE DISSEMINAÇÃO DE PRÁTICAS DISCURSIVAS RACIALIZADAS.....	48
3.1 Raciolinguismo e a produção de hierarquias no campo da surdez.....	49
3.1.1 <i>O Raciolinguismo em um campo de dupla diferença.....</i>	<i>49</i>
3.1.2 <i>A associação entre marcadores raciais e avaliações negativas da linguagem...51</i>	<i>51</i>
3.1.3 <i>A deslegitimação e a reexistência das práticas linguísticas de pessoas negras surdas.....</i>	<i>53</i>
3.2 Interseccionalidade: raça, surdez e linguagem em tensão.....	55
3.2.1 <i>A indissociabilidade da surdez e da raça na experiência de opressão.....</i>	<i>56</i>
3.2.2 <i>Dupla marginalização, invisibilização e apagamento de experiências.....</i>	<i>59</i>
3.3 Sinais racializados em Libras e seus efeitos de sentido.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS.....	74

INTRODUÇÃO

A linguagem, em suas diversas manifestações, é um reflexo intrínseco da realidade social e cultural de seus usuários, moldando e sendo moldada por ela. Dessa maneira, é válido constatar que os ideais presentes na língua nunca são neutros, por vezes, são construídos em estudos linguísticos e na formação linguística para atender a um projeto de nação de herança colonial (Blommaert, 2006).

O mencionado pressuposto assume formas violentas, pois como evidencia o pensamento de Bauman e Briggs (2003, p. 44) “a língua tornou-se um meio fundamental para criar novas formas de exclusão e sua conversão ideológica em meio de explicação da suposta falha intelectual e moral de mulheres, pobres, camponeses e não-europeus”. Sob tal perspectiva, o corpo branco, europeu e ouvinte é universalizado como o padrão e como o detentor de poder e do lugar de privilégio nas hierarquias sociais, portanto, podendo ditar e criar suas próprias ideologias linguísticas. Diante dessa ótica, no processo colonizador brasileiro, a raça entra como elemento primordial da questão, pois as relações se formaram a partir do eixo da raça, salvaguardando o colonizador. De acordo com Lima e Silva (2020, s.p.) “a ideia de raça é o mais eficaz instrumento de dominação social inventado nos últimos 500 anos”. Assim, em consonância com a autora supracitada, Batista (2021) apresenta que o racismo muitas vezes se disfarça de padrão linguístico com o objetivo de excluir, punir e desconsiderar corpos não brancos.

Essas concepções conferem um aspecto de relevância central para as discussões aqui elencadas, haja vista que no contexto das línguas de sinais, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras), essa intersecção torna-se particularmente relevante, pois como toda língua é permeada por metáforas simbólicas que veiculam significados, os sinais da Libras também funcionam como signos ideológicos, refletindo não apenas a realidade, mas as dinâmicas de poder e as opressões presentes na sociedade. Frequentemente, discursos opressores circulam em línguas visuoespaciais de forma sutil, escapando à percepção imediata, pois a discussão sobre essas línguas tende a focar na inclusão, dissociando-as de aspectos sociais cruciais, como o racismo. No entanto, as múltiplas opressões que afetam pessoas surdas — além da própria surdez, como as de raça, classe, gênero e sexualidade — são reais e, muitas vezes, permanecem invisibilizadas, perpetuando a matriz colonial de poder.

A problematização central reside em compreender como a Libras, embora reconhecida como instrumento de resistência política da comunidade surda, pode atuar como um dispositivo de raciolinguismo. Investiga-se como a materialidade visual da língua incorpora ideologias coloniais que, ao racializar sinais por meio de traços fenotípicos estereotipados, produzem efeitos de sentido que perpetuam a subalternização e a invisibilidade de pessoas surdas negras nas hierarquias sociais brasileiras. Embora a literatura sobre a Libras avance na compreensão de sua estrutura e importância cultural, há uma lacuna na análise aprofundada de como as dinâmicas coloniais visuais se manifestam em sua semiótica, especialmente em relação à racialidade.

Nesse sentido, a presente pesquisa se justifica com base nas relações sociais brasileiras atuais, dotadas de expressões racializadas, que advém de fortes influências do processo colonial brasileiro, esse que deve ser visto como espaço físico e imaginário que racializou e criou estruturas de poder advindas dos mais diversos mecanismos de subalternização, dentre eles, a língua. Isso porque a enunciação é de natureza social, portanto, ideológica. (Volóshinov, 2021, p. 58). Ademais, há a busca por preencher parte de uma lacuna científica sobre o tema, examinando a forma como características fenotípicas de corpos negros, ao serem incorporadas em sinais, reforçam a inferiorização e o distanciamento do padrão eurocêntrico (Oliveira, 2023; Santos e Rezende, 2021, p. 5), evidenciando uma "colonização visual" (Belonia *et al.*, 2017, p. 726-727) que expõe o preconceito social em seu significado simbólico.

Essa pesquisa tem como objetivo geral analisar as construções e os efeitos de sentido de sinais racializados na Libras, identificando como a incorporação de características fenotípicas negras materializa ideologias racistas e contribui para a manutenção de uma matriz colonial de poder que subalterniza a identidade do sujeito surdo negro. Especificamente, visa-se identificar sinais da Libras que evidenciam processos de colonização visual, analisando como a iconicidade e a motivação desses signos refletem o padrão eurocêntrico e a norma da branquitude; discutir, sob a ótica da interseccionalidade, como a sobreposição das opressões de raça e surdez intensifica a marginalização de pessoas surdas negras, transformando a língua em um espaço de disputa simbólica e violência material e investigar as produções científicas (2015-2025) que articulam ideologias linguísticas e raciolinguismo, a fim de preencher a lacuna teórica sobre os efeitos ideológicos das hierarquias raciais no campo da surdez.

Para alcançar a finalidade proposta, a abordagem metodológica adotada consiste em uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL), com abordagem qualitativa, aplicada e exploratória, justificada pela necessidade de rigor em um tema pouco explorado. Utilizou bases de dados como SciELO, CAPES e BDTD, com os descritores: Ideologias linguísticas;

Raciolinguismo; Hierarquias raciais e surdez; Racismo estrutural e surdez; Interseccionalidade e surdez; Sinais racializados em Libras; Construção e efeitos de sentido em Libras; Racialização e colonialidade na surdez; Identidade preta e surda, e critérios de inclusão e exclusão específicos, com foco em produções brasileiras entre 2010 e o primeiro semestre de 2025. As etapas metodológicas incluíram triagem por título/palavra-chave, leitura de resumos e análise completa dos artigos. Foram selecionados 25 estudos para a amostra final.

Este trabalho está estruturado em três capítulos principais. A seção 1 - “Fundamentação Teórica” estabelece o alicerce crítico do trabalho ao explorar a complexa relação entre linguagem, poder e identidade. O texto inicia discutindo o caráter ideológico da língua, refutando a ideia de neutralidade linguística, para então conectar o racismo estrutural às práticas de linguagem que marginalizam corpos negros. Um ponto central dessa discussão é a interseção entre negritude e surdez, analisada sob a ótica da subalternização, que revela como o sujeito surdo negro enfrenta camadas sobrepostas de exclusão. Portanto, a seção aprofunda-se na racialização na Libras, investigando como as marcas da identidade racial se manifestam e são percebidas dentro da língua de sinais brasileira.

A seção 2 – dedicada aos percursos metodológicos funciona como o "mapa" da pesquisa, detalhando com precisão o tipo de investigação e a estratégia de busca utilizada para o levantamento bibliográfico. Nela, estabelecem-se rigorosamente os critérios de inclusão e exclusão que balizam a relevância do material, além de descrever as etapas de realização e o fluxo de seleção dos estudos. O texto culmina na apresentação dos resultados do processo de seleção — muitas vezes ilustrados por um fluxograma — e encerra com o procedimento de análise de dados, garantindo a transparência e a replicabilidade do estudo.

Por fim, a terceira seção do trabalho ocupa-se em investigar a Libras como vetor de disseminação de práticas discursivas racializadas, utilizando o conceito de raciolinguismo para expor como hierarquias sociais são construídas dentro da comunidade surda. O texto articula a existência de um campo de "dupla diferença", em que marcadores raciais influenciam diretamente a percepção da competência linguística, resultando em avaliações negativas e na deslegitimação das formas de comunicação de sujeitos negros surdos. Além disso, a seção explora a interseccionalidade entre raça, surdez e linguagem, destacando que essas opressões são indissociáveis e geram processos profundos de invisibilização e apagamento histórico. O debate culmina na análise de sinais racializados em Libras, discutindo seus efeitos de sentido e como as práticas linguísticas desses sujeitos funcionam como atos de reexistência diante da marginalização.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O caráter ideológico da língua

Pensar analítica e teoricamente sobre língua na contemporaneidade implica em analisar as relações que ocorrem socialmente e em como nossas interações sociais apresentam intrínseco vínculo com o fator linguístico. Para tal, é importante entender o conceito de ideologia linguística como ponto de partida desse estudo. Segundo Silverstein (1979, p.193), as ideologias linguísticas são “conjuntos de crenças sobre a linguagem articuladas pelos usuários como uma racionalização ou justificativa da estrutura e uso percebidos da linguagem”. Já para Irvine (1989, p. 255), as ideologias linguísticas podem ser definidas como “o sistema cultural (ou subcultural) de ideias sobre as relações sociais e linguísticas, juntamente com sua carga de interesses morais e políticos - que é um fator mediador crucial”. Dessa maneira, é possível afirmar que elas constituem o conjunto de crenças, valores e ideias que os sujeitos possuem sobre a linguagem, moldando a forma como compreendem os fenômenos e as relações linguísticas.

Consoante Irvine (1989, p. 255), as ideologias linguísticas podem ser vistas “como campo de investigação ligado à linguística, antropologia, etnografia da fala, linguística de contato, estudos do letramento, estudos históricos, historiográficos e de políticas linguísticas”. O mesmo autor ainda define que esse termo foi cunhado no final do século XVIII pelo filósofo francês Destutt de Tracy, o qual tinha por objetivo “desenvolver uma ciência das ideias com suas bases na sensação” (Woolard, 1998, p.5).

Já Blommaert (2014, p. 68-69) aponta ideologias linguísticas como “crenças, ideias, visões e percepções sobre linguagem e comunicação”. Assim sendo, entende-se que o termo em voga pode ser percebido como a apreensão e valoração discursiva e cultural que os sujeitos fazem da língua. É importante ressaltar, ainda, que esse uso é sempre norteado por interesses, como defendem distintos autores. Batista (2021, p. 87) apresenta que:

As ideologias linguísticas são formas de mediação entre estruturas sociais e formas de falar. Além disso, elas têm papel na construção de identidades. A formação de identidade nacional ou étnica subordina determinados grupos, pois simboliza uma nação, mas não representa o interesse de grupos considerados minoritários.

Semelhantemente, Blommaert (2006, p. 511) enfatiza que tais ideologias nunca são neutras; ao contrário, são “avaliativas, relacionais, socialmente posicionadas, investidas com interesses e objeto para contestação e dominância”. Essa perspectiva evidencia que as práticas linguísticas não escapam dos mecanismos de poder que estruturam a vida social, de modo que “ninguém escape das hierarquias sociais, sexuais, de gênero, linguísticas, geográficas e raciais do sistema mundial moderno/ colonial” (Mignolo, 2010, p.13).

Kroskity (2006, p. 497) argumenta que “as ideologias linguísticas são vistas como múltiplas e construídas a partir de contextos políticos e econômicos específicos, que, por sua vez, influenciam as ideias culturais sobre a língua[gem]”. Levando em consideração esse ponto, evidencia-se que as ideologias linguísticas estão presentes em quaisquer discursos sobre a linguagem e são usadas com finalidades diferentes. Por vezes, essas ideologias “são construídas em estudos linguísticos e na formação linguística para atender a um projeto de nação de herança colonial” (Blommaert, 2006, p. 510). Para isso, elas se instituíram como “hegemônicas no mundo moderno ocidental, baseadas em ideias de colonialidade, e atendem a ideais nacionalistas” (Batista, 2021, p. 87). Pinto (2018, p. 717) aponta que:

Muitas das ideologias linguísticas têm sido atadas a ideologias raciais na Modernidade como etiquetas linguísticas de sustentação de hierarquias raciais, como esquemas metapragmáticos de interpretação dos usos apropriados como “universais”, “racionais”, “brancos”, “ocidentais”, em oposição a usos “particulares”, “irracionais”, “negros”, “não ocidentais”.

Considerando esse entendimento, a relação estabelecida entre ideologias linguísticas e colonialidade torna-se central para a construção dessa dissertação, que busca compreender os efeitos ideológicos das hierarquias raciais nas construções de sentido em Libras. Isso porque o processo colonial se estruturou por múltiplas diretrizes, entre elas, a língua, que operaram como mecanismos de classificação e hierarquização social. Sendo a língua um mecanismo imprescindível das relações sociais, é nela que se materializam e se perpetuam tais hierarquias. No caso brasileiro, o eixo raça se intersecciona com a língua, produzindo e reforçando estruturas de desigualdades (Pinto, 2018).

Nesse sentido, a discussão sobre a interseccionalidade torna-se fundamental para a análise proposta. O corpo surdo, especialmente o corpo negro surdo, não está isento das opressões históricas e ideológicas do sistema colonial. Conforme será explorado posteriormente, o sujeito negro surdo "experimenta opressões de raça, surdez, classe e gênero" de forma entrelaçada, e não isolada (Morales *et al.*, 2024., p.18). Essa sobreposição de eixos de

subalternização — racial e sensorial-linguístico (ouvincentrismo) — evidencia a complexidade da teia de dominação, servindo como ponto crucial para desvelar como as ideologias linguísticas e raciais se manifestam concretamente na Libras.

Volóshinov (2021), por sua vez, estabelece uma relação entre as hierarquias sociais e a posição daqueles que determinam e avaliam os diferentes modos de falar. Nesse sentido, o autor afirma:

A sociologia da linguagem trabalha a hierarquização social dos diferentes falares em uma comunidade. Nessa concepção, existem, sim, modos de falar pior e melhores, superiores e inferiores - não por alguma característica gramatical, sistêmica, linguística intrínseca que eles teriam - mas pelos papéis diferentes que são atribuídos a eles no jogo das sempre desiguais relações de poder vigentes na sociedade (Volóshinov, 2021, p. 63).

Essa concepção reforça a compreensão da língua como fenômeno profundamente atravessado por valores sociais e disputas de poder, o que também aparece na análise de Batista (2021), ao enfatizar o caráter ideológico da construção linguística:

Língua é um constructo ideológico que vem sendo mobilizado através dos séculos para articular a vida social. Ela é usada para organizar as relações sociais, para formar alianças e para construir as sociedades. Pensar a língua como ideológica não significa dizer que se trata de uma visão distorcida da realidade, mas de diversas formas de pensar e moldar a realidade. Dessa forma, ela é objeto de disputa e conflitos, pois é na língua que os grupos se organizam e disputam poder nas sociedades (Batista, 2021, p. 83).

Em concordância, nesse sentido, abordar as ideologias linguísticas como ponto intrínseco das línguas é de grande valia para este estudo. Isso se evidencia, principalmente, ao considerarmos a construção dessas ideologias no processo colonizador. Nesse contexto, as avaliações feitas sobre o uso da língua e sobre o que pode ser considerado como língua “estão diretamente ligadas à posição que ocupam as pessoas que a usam, refletindo totalmente a estrutura colonial de dominação” (Batista, 2021, p. 88).

Bauman e Briggs (2003, p. 17) afirmam que ideologias linguísticas construídas na Europa e nos Estados Unidos entre o século XVII e o final do século XIX instituíram modelos linguísticos que não somente justificaram relações de poder, “fazendo parecer que subalternos falavam de modos que faziam sua subordinação necessária”. Isso também se reflete nos mecanismos de colonialidade que instituem um grupo como superior, usando o argumento já mencionado, que os povos subalternizados deveriam suprir um déficit e por isso, estão nessa posição. Entretanto, como indicam outros autores (Blommaert, 2006; Rosa; Flores, 2017,

Batista, 2021), “não importa o que os corpos subalternizados historicamente façam, eles continuarão sendo considerados incapazes e inferiores nos discursos de sujeitos hegemônicos” (Blommaert, 2006, p.512).

A partir dessa lógica, a surdez é enquadrada não como uma diferença ou experiência linguística e cultural distinta, mas sim como uma "falta" ou "déficit" em relação à norma ouvinte-europeia-cristã. Como se discutirá posteriormente, essa lógica colonial e salvacionista posiciona o ouvinte como o "salvador" que decide e fala por todos, combatendo a "falta/déficit de humanidade" do surdo. Desse modo, a exclusão da pessoa surda assemelha-se à desumanização imposta ao povo negro, gerando um sentimento de não-existência social e linguística, onde a própria sobrevivência é negada. Essa negação é historicamente evidenciada pela “eliminação vital dos surdos, pela proibição das línguas de sinais” (Perlin, 2004, p.79) e pela imposição da oralização como parte de um projeto colonial de apagamento, reforçando a subalternidade ontológica e linguística do surdo.

Essa subalternidade linguística e ontológica faz com que a cultura surda se baseie na cultura ouvinte, estabelecendo que somente o que o ouvinte vive é o padrão "certo" ou melhor, tal como acontece nas relações étnico-raciais onde a cultura negra é subordinada à europeia. A surdez, nesse quadro, é um dos eixos estruturais (assim como raça, gênero e classe) que reproduz concepções coloniais, fazendo com que o surdo seja um "espaço ocupado" que polariza as diferenças. O déficit imposto à língua de sinais (Libras) é, portanto, a consequência direta e esperada dessa colonialidade do poder, pois, se a língua oral representa a "moldura da existência humana" (Lima, Silva e Rezende, 2021, p.45), a língua de sinais é aprisionada a um lugar de desvio, o que acarreta a introjeção de estigmas e preconceitos na comunidade surda, submetida à normatividade ouvinte.

Assim sendo, percebe-se que “as exigências historiográficas práticas não permitirão que os endossos privilegiem a consciência subalterna (Spivak, 2010, p. 57)”. Isso se manifesta pelo caráter dominador que a língua passa a exercer nos processos colonizadores e interativos, principalmente entre os corpos vulnerabilizados. Isso é perceptível nos relatos de hooks (2008), a qual apresenta que, para ela, o inglês é a língua do opressor, mas, ao mesmo tempo, percebe que “essa língua precisaria ser possuída, tomada, reivindicada como um espaço de resistência” (hooks, 2008, p. 859). Isso porque a própria autora indica que a linguagem tem um importante papel nas relações de poder, sobretudo nas hierarquias raciais.

Dessa maneira, pensar nessas relações sociais é imprescindível para estabelecer as intersecções entre esses pontos. Tais relações são escancaradas pelas ideologias linguísticas, que foram construídas por europeus para dominar povos considerados inferiores na

colonialidade. Essas ideologias são manifestadas nas hierarquias raciais que exercem controle sobre corpos vulnerabilizados, uma dinâmica mantida até a atualidade. No caso brasileiro, como já apontam outros autores (Sales Junior., 2006; Nascimento, 2019), a cor da pele ocupa o lugar central que conecta, organiza e totaliza todos os demais elementos. A cor torna-se sinédoque das relações raciais.

Para autores como Rosa e Flores (2017) e Nascimento (2019), as políticas de línguas no Brasil são extremamente racializadas e embasadas em ideologias raciolinguísticas, demarcando a dominação dos colonizadores. Portanto, é possível inferir que ainda hoje, essas ideologias agem de modo a amparar o projeto colonialista, bem como afirma Pinto (2018, p. 716):

As ideologias linguísticas operam para atender a um projeto nacional baseado na ideologia do monolinguismo e em uma suposta identidade nacional que subalterniza de maneira violenta todas as práticas de corpos não brancos por meio de metapragmáticas da língua em uso e têm como consequência fazer com que os subalternizados se sintam sempre estrangeiros, até mesmo em seu próprio território linguístico.

Nesse sentido, a conjuntura explicitada pelos autores evidencia que esses processos raciolinguísticos sustentam a produção contínua de violência simbólica e material, uma vez que sujeitos racialmente hegemônicos mobilizam suas interpretações semióticas para justificar práticas de violência e racismo contra pessoas negras no Brasil (Batista, 2021, p.89).

De acordo com Sales Junior (2006, p. 233), a estigmatização, assim como o discurso racista, ocorre por “silêncios, implícitos, denegações, injúrias, ironias, discursos oblíquos, figuras de linguagem, trocadilhos, chistes, frases feitas, provérbios, piadas e injúria racial, microtécnicas de poder, funcionando num registro informal e passional”. Esse processo “marca e demarca o corpo sem o uso direto da violência física, isso é feito por meio do açoite da injúria ou da impressão a fogo pela piada”. Dessa forma, o corpo negro é experimentado e submetido a condições de estigmatização e vulnerabilização advindos de uma ótica projetada pelo colonialismo, mas posta em prática e introjetada por ideologias linguísticas que trabalham em favor do estabelecimento de hierarquias raciais, o que faz com que a língua continue a ser um objeto de dominação e de purificação de um projeto colonial (Nascimento, 2019), mesmo ainda hoje.

Sendo assim, percebe-se que a articulação da linguagem com o racismo se dá em sua natureza fundamentalmente ideológica e estrutural, funcionando como um mecanismo de poder que materializa a exclusão social. Longe de ser neutra, a língua é politizada e atravessada por

projetos de poder, sobretudo o colonial. Nesse contexto, ela é usada para construir o sentido da raça (racialização) e nomear para racializar, provocando o racismo epistêmico, o qual silencia e apaga o conhecimento não-eurocêntrico, estabelecendo o colonizador como o "ponto zero" e reforçando a universalidade da branquitude, essa que se desresponsabiliza do racismo ao negar a existência da raça.

1.2 Racismo estrutural e Linguagem

A análise das relações sociais no Brasil contemporâneo exige a compreensão de que o racismo é um elemento constitutivo da organização social. Como aponta Oliveira (2021, p. 68), "falar de racismo estrutural implica ir na raiz do problema, isto é, na sua radicalidade". Dessa forma, não se trata apenas de distinguir entre racismo individual, institucional ou estrutural, mas de entender que "a dimensão da estrutura é que torna possível a manifestação individual/comportamental e institucional do racismo", conforme a leitura que Oliveira (2021, p. 63) faz da obra de Silvio Almeida. Ainda na visão dessa autora, o racismo deve ser entendido, portanto, como uma ideologia que "cimenta" relações sociais, sendo produto de uma "estrutura sócio-histórica de produção e reprodução de riquezas" (p. 67). Essa estrutura cria hierarquias necessárias para o padrão de acumulação, na qual o próprio "não conhecimento" da história africana é "produto de uma decisão ideológica" (Oliveira, 2021, p. 66).

Essa estrutura de poder não se mantém apenas pela força física ou econômica, mas penetra o campo simbólico. Nascimento (2019, p. 14) argumenta que a língua deve ser vista "como uma marca de dominação e por onde também se dá a figura estruturante do racismo". Ainda para esse autor, embora o racismo seja produzido em condições históricas e econômicas, "é a partir da língua que ele materializa suas formas de dominação" (p. 15). Diferente da visão ingênua de neutralidade, Nascimento (2019, p. 17) destaca que, ao serem politizadas, as línguas "têm cor, gênero, etnia, orientação sexual e classe porque elas funcionam como lugares de desenhar projetos de poder". É através desse jogo discursivo que se afirma a identidade hegemônica e a diferença, em que "alguns povos passaram a ser racializados enquanto outros, os que racializavam, se constituíram como universais" (Nascimento, 2019, p. 15).

Na Libras, por exemplo, essas dinâmicas de racialização também se manifestam de forma marcada. Se, como afirma Nascimento (2019), as línguas têm cor, gênero, etnia, orientação sexual e classe por funcionarem como espaços de disputa e de produção de poder, a língua de sinais não escapa a esse processo. Os sinais NEGR@/PRET@ e BRANC@, conforme se observa na imagem 1, a seguir, evidenciam como a língua materializa no corpo do sinalizante

sentidos historicamente construídos sobre grupos racializados, revelando que a sinalização também opera como um lugar onde identidades hegemônicas e diferenças são produzidas, reiteradas ou tensionadas.

Imagem 1 – Sinal Branc@



Fonte: Belonia *et al.* (2017)

Imagem 2 – Sinal 1 - Negr@/Pret@



Fonte: Belonia *et al.* (2017)

Imagem 3 – Sinal 2 - Negr@/Pret@



Fonte: Belonia *et al.* (2017)

Conforme exemplo, na Libras, há dois sinais relacionados a NEGR@/PRET@. O sinal de NEGR@ é realizado com a mão na seguinte configuração: dedo indicador muito curvo e os outros dedos fechados, tocando a lateral da testa, logo acima da sobrancelha (na região da têmpora ou testa lateral). O movimento é de torção de punho para frente. Esse sinal pode relacionar-se a características estereotipadas da população negra, como o cabelo crespo. Além disso, outro sinal para PRET@ em Libras é aquela realizada com a configuração da mão dominante com o polegar e dedo médio se tocando, bem como tocando o dorso da mão de apoio. Tal sinal faz menção histórica ao carvão pintando a pele, de acordo com o canal do Youtube Carlos Cristian Libras (Libras, 2021). Enquanto o primeiro faz referência à pessoa, por ser perto do cabelo com movimento de giro, talvez fazendo alusão ao cabelo crespo (Belonia *et al.*, 2017, p. 724) - denotando iconicidade em relação ao cabelo - o segundo é utilizado para coisas/objetos e não apresenta tal processo (Oliveira, 2023, p.8).

Por outro lado, o sinal de BRANC@ apresenta a variação mais comum com a configuração em "B" que desce pelo braço, e outra onde a mão dominante aberta e virada para cima desliza sobre o antebraço da mão não dominante, que está com a palma para baixo. A

análise comparativa desses sinais revela como a iconicidade pode manifestar uma marcação racial. O sinal mais comum para NEGR@ é diretamente tende a ser visto como motivado por uma característica física estereotipada (o cabelo), sugerindo que o corpo negro é percebido e representado como o polo marcado da oposição racial.

Em contraste, o sinal de BRANC@ propende a ser ocasionado pela ideia de clareamento ou pela cor em si, sem se fixar em um traço físico estereotípico específico da mesma forma. Conforme Belonia *et al.* (2017, p. 724), o sinal utilizado para a cor BRANC@ – é correspondente à indução ao sentido de pele, como algo normalizado – tanto para o designativo étnico quanto para cor de coisas e objetos. O corpo branco atua, assim, como o polo não marcado ou neutro. Essa distinção na iconicidade e motivação dos sinais demonstra como a estrutura visual da Libras pode incorporar e refletir as hierarquias e percepções raciais presentes na cultura e sociedade brasileiras.

A intersecção entre raça e linguagem é aprofundada pelo conceito de racialização. Nascimento (2019, p. 84), dialogando com Rosa e Flores (2017), o autor aponta a necessidade de evidenciar o caráter racializado das práticas linguísticas que sustentam políticas de exclusão. A ideia não é produzir novas hierarquias, mas sim denunciar como a norma linguística é usada como instrumento de poder. Nesse sentido, explica-se que a língua opera um mecanismo no qual o colonizador se autodeclara como o "ponto zero" (p. 21) — a norma universal e "sem raça" — para, a partir daí, ter o privilégio de "nomear para racializar" o outro (p. 23). Ao desmascarar essa suposta neutralidade da língua, o autor articula essa crítica ao conceito de **epistemicídio**, definido por Nascimento (2019, p. 11, citando Sueli Carneiro) como o extermínio do conhecimento do outro mediante a imposição do que é considerado saber válido.

Em contraposição à lógica colonial que produz hierarquias raciolinguísticas, Oliveira (2021, p. 45) resgata o pensamento de Lélia Gonzalez ao lembrar que a disseminação do idioma do colonizador "cedeu com o falar do africano escravizado, gerando o que a pensadora brasileira chama de pretuguês", evidenciando que o Brasil é um país africanizado. Essa compreensão desloca a ideia de que a língua europeia se impôs de maneira total, revelando que práticas linguísticas negras sempre tensionaram, transformaram e reconfiguraram o projeto colonial. Nesse mesmo viés de enfrentamento, Nascimento (2019, p. 81) defende que "a branquitude só conseguirá se ver no seu próprio espelho quando racializada". Isso não significa racismo reverso, mas uma forma de "alertar sempre ao sujeito branco que ele não é universal" (Nascimento, 2019, p. 82), desestabilizando o lugar de neutralidade e autoridade epistêmica construído pela colonialidade.

Embora a língua tenha sido historicamente mobilizada como instrumento de opressão, ela também constitui um espaço de disputa e reexistência. bell hooks (2008, p. 859) nos convida a imaginar povos africanos ouvindo o inglês como a língua do opressor, mas também se dando conta de que "essa língua precisaria ser possuída, tomada, reivindicada como um espaço de resistência". Nessa perspectiva, a apropriação da linguagem torna-se um ato político. Para hooks (2008, p. 860), "para cada uso incorreto de palavras, para cada colocação incorreta das palavras, era um espírito de rebelião que reivindicava a língua como um local de resistência". Ao possuir a língua compartilhada, os povos negros encontram "uma maneira de fazer comunidade" e criar a solidariedade necessária para resistir (hooks, , p. 859).

Nascimento (2019, p. 80) corrobora essa visão ao afirmar que, embora a ideia de raça seja uma criação do homem branco imposta ao corpo negro, "é precisamente ela (...) que utilizarei como armadura da resistência". Dado isso, as estruturas racistas e linguísticas afetam concretamente os grupos subalternizados ao bloquear sua ascensão social e determinar a ocupação de lugares inferiores no mercado de trabalho, operando por meio de um epistemicídio que extermina os conhecimentos e a validade dos saberes desses grupos. Dessa maneira, a língua atua como uma marca de dominação que materializa o racismo, impondo hierarquias que associam o negro a aspectos negativos, o que impacta diretamente a formação da identidade e a autoestima. Ademais, essas estruturas instrumentalizam práticas linguísticas para implementar políticas de exclusão que desumanizam corpos negros, aprofundando processos de genocídio, linguicídio e a submissão física e psicológica a estruturas de medo e tormento.

1.3 Interseccionalidade: Negritude e a Surdez na lógica da subalternização

Que quer o homem? Que quer o homem negro? Mesmo expondo-me ao ressentimento de meus irmãos de cor, direi que o negro não é um homem. O "humano" é uma invenção do branco e o branco decidiu que ele, o branco, é o humano: O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano (Fanon, 2008, p. 27).

Consoante ao pensamento expresso por Fanon (2008), a humanização de corpos é feita mediante a perspectiva do branco e da branquitude, tudo o que se aproxima dele, é humano, o que não se aproxima, não o é. Essa lógica faz com que a construção desse corpo branco tenha sido consolidada por séculos, concomitantemente, constituiu-se também a desumanização, que gera violentamente o sentimento de não-existência do povo negro. Acerca disso, Fanon (2008,

p. 125) aponta: Sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência. O pecado é preto, a virtude é branca. Todos estes brancos reunidos, revólver nas mãos, não podem estar errados. Eu sou culpado. Não sei de quê, mas sinto que sou um miserável.

O processo de exclusão ao qual a população preta é submetida pela branquitude cria no imaginário coletivo desse povo um autoquestionamento perverso de sua existência. Então, os corpos pretos são frequentemente marginalizados e têm sua sobrevivência negada. Com isso, o não-existir surge como ferramenta de apagamento e enclausuramento dessas populações, pois raça, gênero, classe, entre outros, são estruturas reprodutoras de concepções coloniais.

Esse tipo de sentimento não finda no corpo preto, mas estende-se a outros grupos, visto que as pessoas surdas se aproximam dos povos originários e escravizados à medida em que têm suas existências historicamente apagadas e reduzidas a uma inexistência social e linguística. Dessa forma, “a pessoa surda perde o seu direito à humanidade e é submetida à normatividade pela língua imposta pelo dominador euro-cristão-ouvintista” (Brito, Rezende e Lima, 2021, p.256).

Segundo essa lógica introjetada pela teia colonial, o ouvinte é o que decide e fala por todos, em um lugar de salvador, combatendo “a miséria, falta/déficit, de humanidade, cria o sentimento da ausência de existência” (Brito, Rezende e Lima, 2021, p.262). Isso, porque, na história, constatou-se “a eliminação vital dos surdos, a proibição do uso de línguas de sinais, a ridicularização da língua, a imposição da língua, a inclusão dos surdos entre os deficientes, a inclusão dos surdos entre os ouvintes” (Lima, Silva e Rezende, 2021, p.54).

A oralização, nesse contexto, é parte de um projeto colonial de apagamento da existência, surda e essa lógica salvacionista estende-se ao campo linguístico, como indicado por Lima, Silva e Rezende (2021, p.45) “Como se pode ser livre quando a linguagem oral representa a ‘moldura’ da existência humana?”. Tal emolduração representa “um lugar de subalternidade linguística e também ontológica da pessoa surda, uma vez que ela estará aprisionada aos princípios de uma língua idealizada para um corpo também idealizado” (Lima, Silva e Rezende, 2021, p.45). Segundo Santos e Rezende (2021, p.17), a cultura surda sempre se baseou na cultura dos ouvintes, que estabelece que só o que o ouvinte vive que está certo ou é melhor. Vidal Nunes; Gomes Portela, (2017, p.93) também apontam que as culturas minoritárias convivem com os códigos da cultura que se estabelece dominante e normalizadora. Essa caracterização se assemelha às relações étnico-raciais, em que se baseia a cultura dos povos negros pela cultura europeia, que estabelece que só o que é da Europa é válido.

Sobre isso, Vidal Nunes; Gomes Portela (2017, p.89) inferem que a separação de grupos de pessoas acontece socialmente, assim como sua integração, posto que toda forma de

discriminação do comportamento humano está subordinada à cultura que os constrói e sedimenta. Pensando nisso, a comunidade surda passa por subalternizações que, apesar dos avanços políticos recentes para a pessoa surda, ainda dão ênfase na “diferença”, representando tal grupo como sendo sempre interligado e outremizado em relação aos ouvintes por meio de representações sociais, que para Moraes *et al.* (2024, p.18) são o conjunto de explicações, crenças e ideias comuns a um determinado grupo de indivíduos; resultam de uma interação social, sem perder de vista, contudo, a questão da individualidade.

A pessoa negra surda não experimenta opressões de raça, surdez, classe e gênero de forma isolada, mas sim como um entrecruzamento estrutural que potencializa a marginalização. Para esses sujeitos, a subalternização se configura como um duplo silenciamento, visto que são nulificados na dimensão racial e na dimensão sensorial-linguística, pelo ouvincentrismo. Nesse sentido, esse panorama revela uma complexa matriz de dominação em que a raça, gênero, classe e a surdez operam de forma entrelaçadas. Dessa forma, o apagamento da existência e da sobrevivência que atinge o corpo preto é intensificado pela negação da língua e da cultura surda.

Sob essa ótica, a interseccionalidade entre raça e surdez manifesta-se concretamente na Libras, na comunicação e na identidade dos sujeitos negros surdos, como uma continuidade das ideologias raciolinguísticas que estruturam a sociedade. Desse modo, se a língua é uma marca de dominação, a Libras, embora seja o espaço de emancipação do sujeito surdo, não está imune aos rastros do colonialismo e do racismo estrutural. Sendo assim, da mesma forma como o termo "negro" na Língua Portuguesa acumula uma série de construções de sentido ligadas à negatividade, essa carga negativa poderia ser transferida para os sinais em Libras, a exemplo dos sinais icônicos relacionados à cor da pele (como PRET@/NEGR@), reforçando, assim, estereótipos vinculados à negritude.

Além disso, observa-se, inicialmente, que muitos sinais utilizados para representar identidades e conceitos na Libras assume, por padrão, uma norma não-racializada - e, portanto, branca - e não-interseccional. Diante dessa perspectiva, o sujeito negro surdo é forçado a usar sinais compostos para demarcar sua identidade, como "NEGRO-SURDO," enquanto o padrão branco e ouvinte se constitui como o "ponto zero" universal e não-marcado. Esse processo de nomenclatura, que nomear para racializar, atua marcando a identidade negra como um desvio ou uma "diferença" em relação ao padrão idealizado de corpo.

Portanto, pode-se inferir, segundo Vidal Nunes; Gomes Portela (2017, p.97) que o surdo, no Brasil, é mais propriamente um espaço ocupado, não necessariamente físico, mas um ponto que polariza as diferenças e orienta as identificações – em vez de uma pessoa definida somente pela falta de audição.

1.4 Racialização na Libras

Para Gomes (2021, p. 20) a Libras, como também as outras línguas de sinais, é um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria e complexa, com regras fonológicas, morfológicas, semânticas, sintáticas e pragmáticas (Gomes, 2021, p.20). Sendo assim, os sinais da Libras também se constroem como signos ideológicos que refletem a realidade social de seus usuários.

Dessa maneira, por muitas vezes, há a circulação de discursos opressores em línguas visoespaciais que não são percebidos, uma vez que essas línguas orbitam questões relativas à inclusão, dissociando-as de outros aspectos sociais relevantes, como o racismo. No entanto, as diversas opressões sofridas pelos corpos de pessoas surdas, além da própria surdez, existem – de raça, classe, gênero e sexualidade – e, diversas vezes, não são visibilizadas, sustentando a matriz colonial de poder.

O povo surdo tem sua cultura própria e possui a tradição de batizar seus membros em língua de sinais com os chamados sinais-nomes, que pode envolver a observação de uma das características físicas da pessoa ou a primeira letra de seu nome, ou de sua profissão. Para Gomes (2021, p. 31), as questões de ideologia e de circunstâncias históricas refletem na criação do sinal-nome do sujeito que faz parte da comunidade surda. Isso porque o sinal-nome não é apenas um nome na comunidade surda, significa dar à pessoa seu registro, sua identidade pura (Gomes, 2021, p.107).

Diante dessa lógica, no ato de batizar, temos diferentes formas de poder dentro da comunidade surda, sendo outorgado ao surdo a detenção de um poder e o estabelecimento de um sinal. Consoante Gomes (2021, p. 17), os sinais-nomes são formados a partir de características pessoais em conformidade com as regras da língua em questão, dessa forma, essa designação de sinal pode refletir distintos estereótipos, como os racistas.

Oliveira (2023) indica que, em contextos sociais racistas, as categorizações de grupos minoritários são frequentemente moldadas pela perspectiva dos grupos dominantes. Nesse jogo de opressão, os opressores classificam a si a partir de centros de valores considerados positivos, colocando, por outro lado, o outro em pólos diametralmente opostos. Então, pessoas brancas categorizam negros como inferiores como forma de criarem significações opostas sobre si mesmos, bem como ouvintes fazem o mesmo com surdos. Sobre isso, Santos e Rezende (2021, p.5) indicam que o conhecimento dado como neutro é o produzido pelo corpo não visibilizado, aquele que é visto como não racializado.

Diante dessa perspectiva, observando o caráter ideológico da língua, infere-se que cada uma delas pode denotar relações preconceituosas que estão, por vezes, camufladas. A Libras, por suas características morfológicas, “pode ser particularmente afetada de modo a evidenciar uma colonização visual, que expõe de modo imediato o conteúdo do preconceito social em seu significado simbólico” (Belonia *et al.*, 2017, p. 726-727).

Pensando sob essa perspectiva, a construção de sinais em Libras que incorporam características fenotípicas de indivíduos negros, como formatos nasais, labiais e texturas capilares, perpetua a inferiorização ao demarcar um distanciamento do grupo dominante – eurocêntrico, branco e ouvinte. Essa representação semiótica reduz a identidade de sujeitos negros às suas particularidades étnico-raciais, reforçando a subalternização desses sujeitos. Tal prática, ao operar no campo da linguagem, reforça a persistência de valores coloniais no imaginário coletivo.

Essa teia colonial não se restringe a manifestações explícitas, mas se infiltra nas simbologias linguísticas — também nas línguas de sinais — reiterando posições de poder e hierarquias sociais e raciais historicamente estabelecidas. Dessa forma, a manutenção dessas representações linguísticas, que ecoam a lógica classificatória e segregacionista da colonização, impede o desenvolvimento de práticas decoloniais no processo de construção de sinais em Libras.

Nessa perspectiva, é imprescindível manter a discussão sobre a Libras para além de sua estrutura gramatical, compreendendo-a como um sistema semiótico ideológico. Conforme aponta Gomes (2021), a língua de sinais não é um espelho neutro da realidade, mas um terreno onde valores sociais, históricos e políticos são disputados e cristalizados. Os sinais, portanto, carregam em sua materialidade visual as ideologias dominantes, funcionando como veículos que constroem visões de mundo específicas — muitas vezes herdadas de uma estrutura colonial — dentro da comunicação da comunidade surda.

Ao analisarmos a racialização na língua, torna-se necessário distinguir dois processos fundamentais: a construção de sentido e a produção de efeito de sentido. Dessa forma, a construção de sentido refere-se a como a Libras cria os conceitos de raça e racismo em sua estrutura. Isso ocorre, frequentemente, através da seleção de marcadores icônicos que recuperam traços fenotípicos de forma estereotipada ou pejorativa (como a ênfase no cabelo crespo ou associações a cores escuras). A língua materializa o conceito de "negritude" selecionando quais características visuais serão elevadas à categoria de símbolo linguístico, muitas vezes sob uma ótica eurocêntrica que define o branco como norma e o negro como o "outro".

Outrossim, o efeito de sentido, por sua vez, diz respeito à dimensão subjetiva e fenomenológica: como a pessoa surda negra sente e internaliza esses signos. Quando um sinal para "negro" carrega uma etimologia visual ligada à inferioridade, o efeito produzido não é apenas de designação, mas de subalternização. O sujeito surdo negro, ao sinalizar ou ser sinalizado, pode sentir o peso histórico desse estigma, vivenciando a língua não como um acolhimento, mas como um espaço onde sua identidade é narrada através do preconceito.

Dessa forma, infere-se que, embora a Libras seja historicamente reconhecida como uma língua de resistência e de afirmação política da Comunidade Surda contra o ouvintismo, ela não é imune às estruturas de opressão da sociedade majoritária. Por ser permeável à cultura dominante, a Libras também pode reproduzir racismos, replicando hierarquias raciais e violências simbólicas se não for submetida a uma crítica interseccional constante.

2. PERCURSOS METODOLÓGICOS

A pesquisa científica, para Lehfeld e Barros (1991, p. 134), é “a inquietação, o procedimento sistemático e intensivo, que tem por objetivo descobrir e interpretar os fatos que estão inseridos em uma determinada realidade”. Já conforme Silveira e Córdova (2009, p. 31), a pesquisa científica “é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de demonstrar e investigar um problema, recorrendo a procedimentos científicos”.

2.1 Tipo de pesquisa

A convergência entre as ideologias linguísticas construídas por grupos dominantes no processo colonial brasileiro e a formação de hierarquias raciais que se utilizam de expressões linguísticas carregadas de racismo para reafirmar seu lugar na sociedade é um ponto de interesse desta pesquisa. Especificamente, visa-se observar tais ideologias em sinais racializados e suas recorrências em Libras, bem como analisar suas construções e reverberações.

Neste trabalho, como itinerário metodológico foi escolhida a Revisão Sistemática de Literatura – RSL, assim como a abordagem qualitativa, de natureza aplicada e exploratória como sendo a mais adequada para atingir os objetivos deste estudo. Fink (2005, p. 3) define revisão de literatura como “um método sistemático, explícito, (abrangente) e reprodutível para identificar, avaliar e sintetizar o corpo existente de trabalhos completos e registrados produzidos por pesquisadores, estudiosos e profissionais”.

De acordo Marconi e Lakatos (2010, p. 186), a pesquisa bibliográfica “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob um novo enfoque, uma nova abordagem”. Por seu lado, Oliveira (2007, p. 69) aponta que, nesse tipo de pesquisa, “o mais importante para quem faz opção pela pesquisa bibliográfica é ter a certeza de que as fontes a serem pesquisadas já são reconhecidamente do domínio científico”. Assim sendo, esse trabalho se enquadra na descrição feita, visto que a busca por definições e contribuições para o estudo de ideologias linguísticas e suas reverberações em Libras foi pautada em pesquisas bibliográficas seguindo um método sistemático que categoriza os dados obtidos.

Acerca do caráter da pesquisa, Gil (2008) indica que as pesquisas exploratórias apresentam finalidades de proporcionar maior proximidade com o problema, construir hipóteses ou torná-lo mais explícito, tendo como objetivo principal o aprimoramento de ideias. Dessa forma, os estudos exploratórios visam proporcionar maior familiaridade com o problema.

Sobre isso, Babbie (2012) resume as finalidades em três propósitos: (1) simplesmente satisfazer a curiosidade do pesquisador e o desejo de melhor compreensão, (2) testar a viabilidade de realizar um estudo mais cuidadoso e (3) desenvolver os métodos a serem empregados em um estudo mais cuidadoso.

Dado isso, nota-se que a ideia desse autor vai ao encontro da presente pesquisa, visto que investigar de que modo as ideologias linguísticas em torno da Libras refletem e sustentam hierarquias raciais, articulando-as ao racismo estrutural e às perspectivas interseccionais, é o seu principal objetivo.

Denzin e Lincoln (2018, p. 43) definem a abordagem qualitativa como:

Um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa e naturalista do mundo. Isso significa que os pesquisadores qualitativos estudam as coisas em seus ambientes naturais, tentando entender ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas lhes dão.

Assim sendo, a abordagem qualitativa engloba uma ampla gama de pontos de vista e métodos de pesquisas que permitem compreender as situações, os fenômenos sociais, os sujeitos e suas percepções sociais. Isso se aproxima do que é realizado no presente estudo, uma vez que ele dialoga com tal perspectiva ao analisar como as ideologias linguísticas em torno da Libras produzem e reproduzem hierarquias raciais. Para tanto, são considerados aportes teóricos sobre ideologia linguística, raciolinguismo e racialização na Libras, em articulação com o racismo estrutural e a interseccionalidade.

Empiricamente, adotou-se a Revisão Sistemática da Literatura (RSL). Para Davies e Nutley (1999, p. 131), as revisões sistemáticas envolvem uma série de técnicas para minimizar vieses e erros e, como tal, Revisão Sistemática é amplamente considerada como fornecendo evidências de alta qualidade para estudos e pesquisas em qualquer área do conhecimento.

Segundo Chalmers (2003, *apud* Vizeu, Torres e Kolachnek. 2022, p. 7),

historicamente, atribui-se a primeira revisão sistemática ao médico naval James Lind, em 1747, quando este comparou seis tratamentos para o escorbuto de forma crítica e cronológica. A partir da integração das evidências descritas pelas publicações levantadas por Lind sobre o tema, ele elaborou hipóteses e estruturou novos experimentos que lhe permitiram descobrir o tratamento da doença.

Por sua vez, Okoli (2015, p. 3) assevera que a RSL se constitui como uma metodologia bem rigorosa que foi desenvolvida originalmente para a realização de meta-análises nas ciências da saúde. Aos poucos, essa metodologia foi

expandindo-se para as ciências sociais outros campos de pesquisa e ampliada para empregar outras abordagens de síntese, inclusive qualitativas. Para esse autor, uma revisão sistemática não é meramente uma — revisão da literatura — no sentido de uma coleta e discussão da literatura relevante [...] é uma metodologia científica rigorosa para responder com autoridade a perguntas onde há uma quantidade suficientemente grande de pesquisa existente sobre o tópico (Okoli, 2015, p. 3).

Pensando nisso, tal metodologia foi elencada, apesar de a temática ainda ser pouco discutida e, por tal razão, o método escolhido deve ser rigoroso, a fim de proporcionar resultados mais confiáveis à comunidade científica.

2.2 Estratégia de busca

No âmbito desta pesquisa, a questão central formulada é: de que modo as ideologias linguísticas manifestadas na Libras produzem e reproduzem hierarquias raciais? A partir dessa indagação, buscam-se compreender os efeitos ideológicos presentes na língua, considerando como esses elementos podem refletir e sustentar o racismo estrutural. As questões específicas que orientam a investigação são: as ideologias linguísticas se manifestam sobre línguas de sinais? Certos sinais em Libras evidenciam construções raciais ou racializadas? O uso e a circulação desses sinais contribuem para a manutenção de relações racistas e desigualdades simbólicas no contexto surdo?

As informações que serviram de base para responder aos questionamentos anteriores foram obtidas nos acervos da SciELO – Scientific Electronic Library Online, do Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). No que se refere aos descritores utilizados na pesquisa, foram adotados os seguintes termos: Ideologias linguísticas; Raciolinguismo; Hierarquias raciais e surdez; Racismo estrutural e surdez; Interseccionalidade e surdez; Sinais racializados em Libras; Construção e efeitos de sentido em Libras; Racialização e colonialidade na surdez; Identidade preta e surda.

Com relação à identificação das palavras-chave, definiu-se as *strings* de busca desta revisão bibliográfica, geradas a partir da combinação dos termos das palavras-chave e seus sinônimos, usando os operadores lógicos OR e AND (OU – indicador de alternância e E – indicador de inclusão). Sob tal ótica, essas *strings* foram descritas como: ("Raciolinguismo") AND ("Interseccionalidade e surdez") OR ("Hierarquias raciais e surdez"); ("Identidade preta e surda") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez"); ("Sinais

racializados em Libras") AND ("Construção e efeitos de sentido em Libras") OR ("Racialização e colonialidade na surdez"); ("Racialização e colonialidade na surdez") OR ("Identidade preta e surda") AND ("Raciolinguismo") OR ("Sinais racializados em Libras"); ("Interseccionalidade e surdez") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez") AND ("Hierarquias raciais e surdez"); ("Construção e efeitos de sentido em Libras") AND ("Sinais racializados em Libras") OR ("Racismo estrutural e surdez") AND ("Identidade preta e surda").

Quadro 1 – *Strings* de busca

<i>String</i> de Busca
("Raciolinguismo") AND ("Interseccionalidade e surdez") OR ("Hierarquias raciais e surdez"); ("Identidade preta e surda") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez"); ("Sinais racializados em Libras") AND ("Construção e efeitos de sentido em Libras") OR ("Racialização e colonialidade na surdez"); ("Racialização e colonialidade na surdez") OR ("Identidade preta e surda") AND ("Raciolinguismo") OR ("Sinais racializados em Libras"); ("Interseccionalidade e surdez") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez") AND ("Hierarquias raciais e surdez"); ("Construção e efeitos de sentido em Libras") AND ("Sinais racializados em Libras") OR ("Racismo estrutural e surdez") AND ("Identidade preta e surda").

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

2.3 Critérios de inclusão

Os critérios de inclusão (CI) e critérios de exclusão (CE) utilizados para a seleção dos artigos, estudos primários da revisão que compuseram essa pesquisa, foram os seguintes: critérios de inclusão foram: CI1 – as *strings* de busca devem estar presentes em qualquer seção dos artigos; CI2 – artigos completos publicados em periódicos; CI3 – artigos publicados entre 2010 e o primeiro semestre de 2025; CI4 – artigos escritos em português, inglês e espanhol; CI5 – Artigos que abordam a Identidade preta e surda; CI6 – Artigos que tratam de Racismo estrutural e surdez; CI7 – Artigos que abordam a Racialização e colonialidade na surdez; CI8 – Artigos que tratam de Sinais racializados em Libras; CI9 – Artigos que tratam de Ideologias linguísticas; CI10 – Artigos que tratam do Raciolinguismo; CI11 – Artigos que tratam de Hierarquias raciais e surdez; CI12 – Artigos que tratam de Construção e efeitos de sentido em Libras.

Quadro 2 – Critérios de inclusão

Critério	Descrição do Critério de Inclusão
CI1	A <i>string</i> de busca deve estar presente em qualquer seção dos artigos;
CI2	Artigos completos publicados em periódicos;
CI3	Artigos publicados entre 2010 e o primeiro semestre de 2025;
CI4	Artigos escritos em português, inglês e espanhol;
CI5	Artigos que abordam a Identidade preta e surda;
CI6	Artigos que tratam de Racismo estrutural e surdez;
CI7	Artigos que abordam a Racialização e colonialidade na surdez;
CI8	Artigos que tratam de Sinais racializados em Libras;
CI9	Artigos que tratam de Ideologias linguísticas;
CI10	Artigos que tratam do Raciolinguismo;
CI11	Artigos que tratam de Hierarquias raciais e surdez;
CI12	Artigos que tratam de Construção e efeitos de sentido em Libras.

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

2.4 Critérios de exclusão

Os critérios de exclusão, por sua vez, foram: CE1 - artigos em que a *string* de busca não era plenamente abordada; CE2 - artigos curtos (*short papers* – até 5 páginas); CE3 – artigos em outros idiomas que não português, inglês e espanhol; CE4 – artigos duplicados (relacionados à pesquisa; considerou-se apenas o mais atual); CE5 – artigos publicados antes de 2010; CE6 –

Artigos que não abordam a Identidade preta e surda; CE7 – Artigos que não tratam de racismo estrutural e surdez; CE8 – Artigos que não abordam a racialização e colonialidade na surdez; CE9 – Artigos que não tratam de Sinais racializados em Libras; CE10 – Artigos que não tratam de Ideologias linguísticas; CE11 – Artigos que não tratam do Raciolinguismo; CE12 – Artigos que não tratam de hierarquias raciais e surdez; CE13 – Artigos que não tratam de construção e efeitos de sentido em Libras.

Quadro 3 – Critérios de exclusão

Critério	Descrição do Critério de Exclusão
CE1	Artigos em que a <i>string</i> de busca não era plenamente abordada;
CE2	Artigos curtos (<i>short papers</i> – até 5 páginas);
CE3	Artigos em outros idiomas que não português, inglês e espanhol;
CE4	Artigos duplicados (relacionados à pesquisa; considerou-se apenas o mais atual);
CE5	Artigos publicados antes de 2010;
CE6	Artigos que não abordam a Identidade preta e surda;
CE7	Artigos que não tratam de racismo estrutural e surdez;
CE8	Artigos que não abordam a racialização e colonialidade na surdez;
CE9	Artigos que não tratam de Sinais racializados em Libras;
CE10	Artigos que não tratam de Ideologias linguísticas;
CE11	Artigos que não tratam do Raciolinguismo;
CE12	Artigos que não tratam de hierarquias raciais e surdez;

CE13	Artigos que não tratam de construção e efeitos de sentido em Libras.
------	--

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

2.5 Etapas de realização

Além disso, a identificação e a seleção de artigos foram realizadas em 3 etapas, a saber: E1 – exclusão de artigos completos em desacordo com a questão principal, tendo como critério analítico a leitura dos títulos e palavras-chave. A E2, por sua vez, foi: – leitura do resumo e identificação de se os artigos abordavam a Identidade preta e surda; Artigos que tratam de Racismo estrutural e surdez; Artigos que abordam a Racialização e colonialidade na surdez; Artigos que tratam de Sinais racializados em Libras; Artigos que tratam de Ideologias linguísticas; Artigos que tratam do Raciolinguismo; Artigos que tratam de Hierarquias raciais e surdez; Artigos que tratam de Construção e efeitos de sentido em Libras. A E3 diz respeito à leitura integral dos artigos incluídos para a extração de dados.

Quadro 4 – Etapas de pesquisa

Etapas	Descrição da etapa
E1	Exclusão de artigos completos em desacordo com a questão principal, tendo como critério analítico a leitura dos títulos e palavras-chave;
E2	Leitura do resumo e identificação se os artigos tratavam de Identidade preta e surda; Artigos que tratam de Racismo estrutural e surdez; Artigos que abordam a Racialização e colonialidade na surdez; Artigos que tratam de Sinais racializados em Libras; Artigos que tratam de Ideologias linguísticas; Artigos que tratam do Raciolinguismo; Artigos que tratam de Hierarquias raciais e surdez; Artigos que tratam de Construção e efeitos de sentido em Libras.
E3	Leitura integral dos artigos considerados incluídos para a extração de dados.

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

2.6 Seleção dos estudos

A partir da busca pelos descritores, foi possível identificar 48 artigos, após a realização das etapas supramencionadas, o *corpus* da pesquisa foi composto por 25 artigos, a saber:

Quadro 5 - *corpus* textual

Plataformas	<i>Corpus</i> total	<i>Corpus</i> excluídos	<i>Corpus</i> da amostra
SciELO	19	08	11
Portal de periódicos da CAPES	16	08	08
BDTD	13	07	06

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

A amostra em questão foi encontrada devido aos *strings* de busca já apontados. Dessa maneira, observa-se, a seguir, os artigos encontrados:

Quadro 6 - Seleção dos estudos

Nº.	Ano	Autor(es)	Título	Plataforma	Descritor(es)
1	2019	NASCIMENTO, Gabriel.	Racismo Linguístico	SciELO	("Racialização e colonialidade na surdez") OR ("Identidade preta e surda") AND ("Raciolinguismo") OR ("Sinais racializados em Libras"); ("Raciolinguismo") AND ("Interseccionalidade e surdez") OR ("Hierarquias raciais e surdez")
2	2023	SILVA, Kleber Aparecido da, <i>et. al.</i>	Translinguagem, decolonialidade e Educação Linguística para Surdos no Sul Global: Novos caminhos para o acesso epistêmico e a afirmação de identidades	SciELO	("Racialização e colonialidade na surdez") OR ("Identidade preta e surda") AND ("Raciolinguismo") OR ("Sinais racializados em Libras"); ("Raciolinguismo") AND ("Interseccionalidade e surdez") OR ("Hierarquias

					raciais e surdez")
3	2012	BUZAR, Francisco José Roma.	Interseccionalidade entre raça e surdez: a situação de surdos(as) negro(as) em São Luís - MA	Portal de periódicos da CAPES	("Interseccionalidade e surdez") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez") AND ("Hierarquias raciais e surdez")[cite: 6]; ("Identidade preta e surda") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez")
4	2024	RIBEIRO, Luiz Eduardo Lourenço.	Negro ou preto? Uma análise bakhtiniana sobre os sinais raciais na Libras	Portal de periódicos da CAPES	("Sinais racializados em Libras") AND ("Construção e efeitos de sentido em Libras") OR ("Racialização e colonialidade na surdez"); ("Construção e efeitos de sentido em Libras") AND ("Sinais racializados em Libras") OR ("Racismo estrutural e surdez") AND ("Identidade preta e surda")
5	2023	LIMA, Claudia de Souza Martins; SOUZA, Karlene Ferreira de Souza; SOUZA, Shelton Lima de.	Perspectivas (de)coloniais na educação linguística: uma análise de concepções monolíngues nas práticas escolares para/com pessoas surdas	BDTD	("Racialização e colonialidade na surdez") OR ("Identidade preta e surda") AND ("Raciolinguismo") OR ("Sinais racializados em Libras")
6	2014	CHAIBUE, Karime; AGUIAR, Thiago Cardoso.	A colonialidade	BDTD	("Racialização e colonialidade

			sobre o surdo		na surdez") OR ("Identidade preta e surda") AND ("Raciolinguismo") OR ("Sinais racializados em Libras")
7	2020	SOARES, Lidiane Sacramento	A cultura e a identidade surda: formas de resistência à colonialidade do poder linguístico	Portal de periódicos da CAPES	("Racialização e colonialidade na surdez") OR ("Identidade preta e surda") AND ("Raciolinguismo") OR ("Sinais racializados em Libras"); ("Identidade preta e surda") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez")
8	2023	ROCHA, Claudia Hilsford, <i>et. al.</i>	Educação de surdos, letramentos e translinguagem na pós-modernidade: palavras e movimentos iniciais.	BDTD	("Racialização e colonialidade na surdez") OR ("Identidade preta e surda") AND ("Raciolinguismo") OR ("Sinais racializados em Libras")
9	2024	OLIVEIRA, Waldma Maíra Menezes de; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de.	A COLONIALIDADE DO SURDO: construto da colonialidade do corpo normativo e da colonialidade monolíngue	Portal de periódicos da CAPES	("Racialização e colonialidade na surdez") OR ("Identidade preta e surda") AND ("Raciolinguismo") OR ("Sinais racializados em Libras")
10	2023	DE PAULA, Wellington Santos.	Perspectiva decolonial: um olhar sobre a negritude e surdez	BDTD	("Racialização e colonialidade na surdez") OR ("Identidade preta e surda") AND

					("Raciolinguismo") OR ("Sinais racializados em Libras"); ("Identidade preta e surda") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez")
11	2022	PEREIRA, Alex Sandrelaino dos Santos.	Surdidade(s): corpos surdos atravessados por múltiplas linguagens	Portal de periódicos da CAPES	("Construção e efeitos de sentido em Libras") AND ("Sinais racializados em Libras") OR ("Racismo estrutural e surdez") AND ("Identidade preta e surda"); ("Identidade preta e surda") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez")
12	2021	LEITE, Letícia de Sousa; CABRAL, Tayna Batista.	Educação de surdos e colonialidade do poder linguístico	SciELO	("Racialização e colonialidade na surdez") OR ("Identidade preta e surda") AND ("Raciolinguismo") OR ("Sinais racializados em Libras")
13	2024	SOUSA, Amanda Beatriz de Araújo; JÚNIOR, José Ribamar Lopes Batista.	A recategorização e os efeitos de humor na piada de surdo em Libras: uma análise da construção de sentidos do referente "surdo" no texto	BDTD	("Construção e efeitos de sentido em Libras") AND ("Sinais racializados em Libras") OR ("Racismo estrutural e surdez") AND ("Identidade preta e surda")

			sinalizado		
14	2023	SILVA, Heron Ferreira da; LOPES, Maraisa.	Slam de poesia em Libras: Dos efeitos de sentidos produzidos pelo corpo poético surdo	BDTD	("Construção e efeitos de sentido em Libras") AND ("Sinais racializados em Libras") OR ("Racismo estrutural e surdez") AND ("Identidade preta e surda")
15	2020	MACHADO, Renata Nogueira	A construção de sentidos por Indicadores Não Manuais em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): um estudo baseado em frames	SciELO	"Construção e efeitos de sentido em Libras") AND ("Sinais racializados em Libras") OR ("Racismo estrutural e surdez") AND ("Identidade preta e surda")
16	2021	OLIVEIRA, Dennis de.	Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica	SciELO	("Identidade preta e surda") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez"); ("Interseccionalidade e surdez") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez") AND ("Hierarquias raciais e surdez")
17	2021	GOMES, Livia Martins	Os sinais-nomes pela perspectiva da análise do discurso	SciELO	("Sinais racializados em Libras") AND ("Construção e efeitos de sentido em Libras") OR ("Racialização e colonialidade na surdez"); ("Construção e efeitos de

					sentido em Libras") AND ("Sinais racializados em Libras") OR ("Racismo estrutural e surdez") AND ("Identidade preta e surda")
18	2021	LIMA, Luana Isabel Gonçalves de.	Surdez e negritude: uma pesquisa sobre a identidade negra no uso da Libras	BDTD	("Identidade preta e surda") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez"); ("Racialização e colonialidade na surdez") OR ("Identidade preta e surda") AND ("Raciolinguismo") OR ("Sinais racializados em Libras")
19	2023	SANTOS, Rhaul de Lemos; FERNANDES, Sueli de Fátima.; SILVA, Paulo Vinicius Baptista da.	Negros/as surdos/as: reflexões sobre interseccionalidades e resistências	Scielo	("Interseccionalidade e surdez") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez") AND ("Hierarquias raciais e surdez"); ("Identidade preta e surda") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez")
20	2023	OLIVEIRA, Carlos Alberto Matias de.	A cor do sinal: circulação de discursos racistas em Libras	Portal de periódicos da CAPES	("Sinais racializados em Libras") AND ("Construção e efeitos de sentido em Libras") OR ("Racialização

					e colonialidade na surdez"); ("Construção e efeitos de sentido em Libras") AND ("Sinais racializados em Libras") OR ("Racismo estrutural e surdez") AND ("Identidade preta e surda")
21	2017	BELONIA, Thais Cristina <i>et al.</i>	Cor e etnia, sinais do preto e branco: questões étnicas de raça, cor e identidade em Libras.	SciELO	("Identidade preta e surda") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez"); ("Sinais racializados em Libras") AND ("Construção e efeitos de sentido em Libras") OR ("Racialização e colonialidade na surdez")
22	2021	SANTOS, Ícaro Augusto; REZENDE, Tânia Ferreira.	Letramentos dos corpos: direitos linguísticos e existenciais das pessoas negras surdas	SciELO	("Identidade preta e surda") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez"); ("Interseccionalidade e surdez") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez") AND ("Hierarquias raciais e surdez")
23	2021	LIMA, Hildomar José de; SILVA, Marcos Marcelino da; REZENDE, Tânia Ferreira.	O encarceramento da existência da pessoa surda na/pela	SciELO	("Racialização e colonialidade na surdez") OR ("Identidade preta e surda")

			linguagem.		AND ("Raciolinguismo") OR ("Sinais racializados em Libras")
24	2022	LIMA, Hildomar José de; REZENDE, Tânia Ferreira.	Políticas e planejamento oficiais de manutenção da ideologia linguística colonial do déficit	BDTD	("Racialização e colonialidade na surdez") OR ("Identidade preta e surda") AND ("Raciolinguismo") OR ("Sinais racializados em Libras")("Raciolinguismo") AND ("Interseccionalidade e surdez") OR ("Hierarquias raciais e surdez"); ("Interseccionalidade e surdez") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez") AND ("Hierarquias raciais e surdez"); ("Identidade preta e surda") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez")
25	2021	BATISTA, Thaís Elizabeth Pereira.	Intersecções entre ideologias linguísticas e raciolinguísticas na manutenção de hierarquias raciais	SciELO	("Racialização e colonialidade na surdez") OR ("Identidade preta e surda") AND ("Raciolinguismo") OR ("Sinais racializados em Libras")("Raciolinguismo") AND

					("Interseccionalidade e surdez") OR ("Hierarquias raciais e surdez"); ("Interseccionalidade e surdez") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez") AND ("Hierarquias raciais e surdez"); ("Identidade preta e surda") AND ("Ideologias linguísticas") OR ("Racismo estrutural e surdez")
--	--	--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

2.7 Resultados do processo de seleção dos estudos

Foram encontradas publicações em 03 das 03 bases de dados utilizadas, ocorrendo uma predominância na base de dados SCIELO, com 11 estudos, 08 estudos no Portal de periódicos da CAPES e 06 na BDTD. Portanto, a amostra da pesquisa é composta por 25 estudos.

Notou-se que foram identificados poucos estudos relativos ao tema, esse número de artigos foi alcançado devido ao déficit de pesquisas na temática, o que ressalta a necessidade social e acadêmica da realização desse estudo.

2.8 Procedimento de análise dos dados

O *corpus* final de artigos, estabelecido a partir da aplicação dos critérios de inclusão definidos, foi submetido a um processo de análise qualitativa. Conforme sinalizado nos procedimentos metodológicos, a organização e a análise do material empírico foram operacionalizadas por meio de uma matriz analítica, que visa sistematizar os dados extraídos de cada documento para a análise subsequente.

Essa matriz foi estruturada em categorias de análise alinhadas aos objetivos específicos desta pesquisa e aos descritores centrais que orientaram a busca, tais como:

- **Identificação do raciolinguismo:** Análise da presença e das implicações do conceito de raciolinguismo nos estudos sobre Libras ou contextos de surdez.
- **Interseccionalidade:** Verificação de como a categoria raça se articula com a surdez, as línguas de sinais e outros marcadores sociais.
- **Ideologias linguísticas e hierarquias raciais:** Detecção das ideologias que naturalizam ou perpetuam hierarquias raciais no campo da surdez.
- **Construção de sentido e racialização:** Investigação da abordagem dos autores sobre os Sinais racializados em Libras e os seus respectivos efeitos de sentido.

O trabalho de análise foi conduzido buscando compreender a linguagem como um espaço de interação ideológica e de disputa social. A leitura dos artigos selecionados foi, portanto, de natureza interpretativa e crítica, buscando identificar as formações discursivas que emergem do corpus e que abordam a intersecção entre raça, linguagem e surdez.

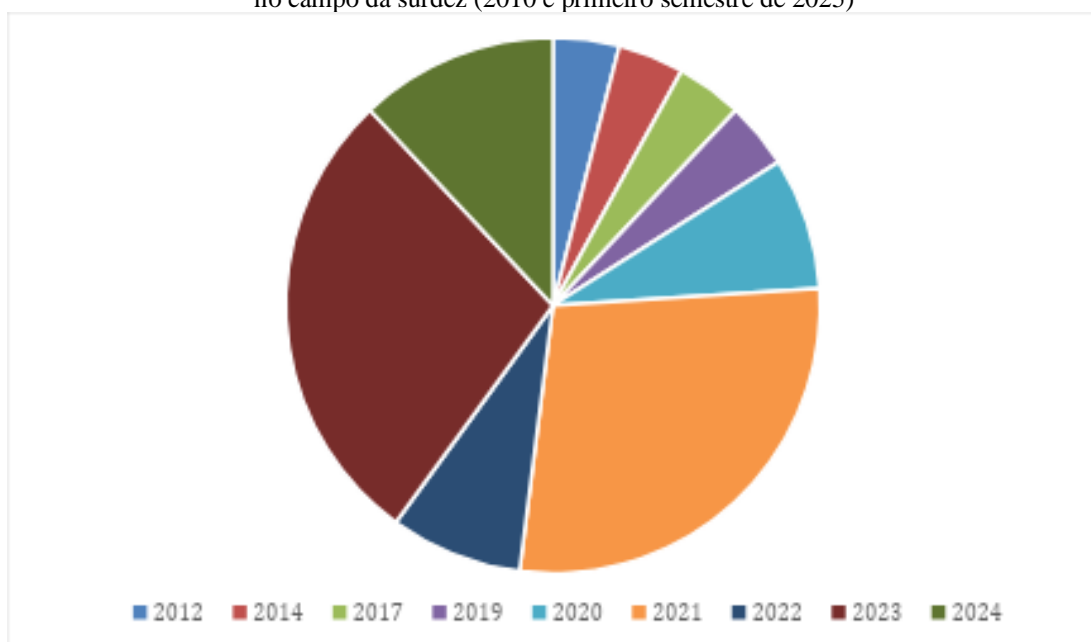
O objetivo final desta etapa foi descrever, interpretar e correlacionar os achados da literatura a fim de elucidar as formas pelas quais se manifestam os efeitos ideológicos das hierarquias raciais nas construções de sentido em Libras, culminando na resposta à questão norteadora desta investigação.

3. A LIBRAS COMO MEIO DE DISSEMINAÇÃO DE PRÁTICAS DISCURSIVAS RACIALIZADAS

A partir da revisão sistemática da literatura realizada, abrangendo o período de 2010 ao primeiro semestre de 2025, foi possível identificar um conjunto restrito de produções acadêmicas que dialogam diretamente com a intersecção entre raça, linguagem e surdez, especialmente no que se refere aos efeitos de sentido produzidos por sinais racializados em Libras. Embora o recorte temporal de quinze anos tenha sido estabelecido com o objetivo de contemplar avanços recentes e debates contemporâneos, o número final de estudos incluídos na amostra (25 trabalhos) evidencia a incipiência da temática no campo acadêmico, corroborando a percepção de que se trata de um domínio ainda pouco explorado, tanto nos estudos linguísticos quanto nos estudos surdos.

A delimitação temporal da revisão também permite observar que a maior parte dos trabalhos foi publicada a partir de 2020, especialmente entre 2020 e 2024, o que indica um crescimento recente do interesse acadêmico pelas temáticas do raciolinguismo, da interseccionalidade e da decolonialidade no campo da surdez. Esse movimento parece acompanhar transformações mais amplas no cenário das ciências humanas e sociais, marcadas pelo fortalecimento de perspectivas críticas que problematizam as relações entre linguagem, poder e raça.

Gráfico 1: Concentração de pesquisas temáticas do raciolinguismo, da interseccionalidade e da decolonialidade no campo da surdez (2010 e primeiro semestre de 2025)



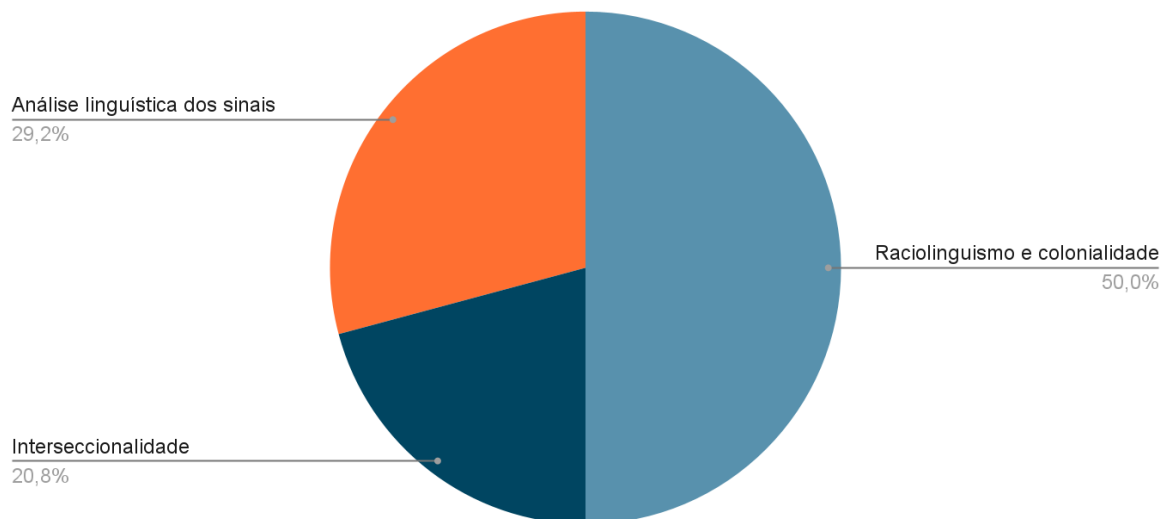
Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Conforme se observa, a concentração recente das publicações reforça o caráter emergente do debate e a necessidade de investigações sobre o tema =. Como exposto no capítulo anterior, os trabalhos selecionados encontram-se distribuídos entre três bases de dados principais, sendo SciELO, Portal de Periódicos da CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com predominância de publicações indexadas na SciELO. O recorte temporal permite notar que entre 2012 e 2014, foi o marco dos dez anos das Leis 10.436/2002 e 10.639/2003, bem como entre 2021 e 2023, foi o marco dos vinte anos das Leis 10.436/2002 e 10.639/2003. Dado isso, torna-se fundamental entender que tais marcos não são aleatórios, mas denota que essas leis atuam como políticas públicas para a educação, visto que impactam diretamente na produção científica na área.

Além da apresentação da concentração de estudos por temáticas demonstrando os autores, foi também desenvolvido um gráfico que demonstra a predominância de temáticas nas discussões.

Gráfico 2: Concentração de pesquisas temáticas do raciolinguismo e colonialidade, da interseccionalidade e de análises linguísticas dos sinais em Libras

Amostra textual



Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Como se pode notar, os dados apresentados no gráfico indicam uma dominância de discussões voltadas ao raciolinguismo e à colonialidade, que representam exatamente 50% (n=12) da amostra analisada. Essa centralidade sugere que o corpus documental ou bibliográfico prioriza a investigação de como as estruturas de poder coloniais moldam as

percepções linguísticas e raciais. Em um segundo patamar, a análise linguística dos sinais ocupa 29,2% (n=7) da amostra, evidenciando uma atenção significativa aos aspectos formais ou semióticos da linguagem. Por fim, a interseccionalidade, embora presente em 20,8% (n=5) dos dados, aparece como a vertente menos expressiva quantitativamente, o que indica a incipiência de estudos no campo e a necessidade de expansão de estudos que busquem cruzar múltiplas categorias de opressão e identidade de forma integrada aos outros eixos temáticos.

Observa-se, abaixo, a concentração de estudos por temáticas, sendo divididas entre raciolinguismo e colonialidade, interseccionalidade e de análises linguísticas em Libras, a saber:

Quadro 7 - Concentração de estudos por temáticas presentes na amostra.

Temáticas	Autores	Número de estudos
Raciolinguismo e colonialidade	<ul style="list-style-type: none"> ● Buzar (2012) ● Nascimento (2019) ● Batista (2021) ● Lima, Silva e Rezende (2021) ● Oliveira (2021) ● Gomes (2021) ● Lima (2021) ● Lima e Rezende (2022) ● Lima, Souza e Souza (2023) 	9
Interseccionalidade	<ul style="list-style-type: none"> ● Buzar (2012) ● Chaibue e Aguiar (2014) ● Nascimento (2019) ● Batista (2021) ● Lima (2021) ● Santos e Rezende (2021) ● Oliveira (2021) ● Pereira (2022) ● Lima e Rezende (2022) ● De Paula <i>et al.</i> (2023) ● Santos, Fernandes e Silva (2023) ● Silva <i>et al.</i> (2023) ● Silva e Lopes (2023) ● Oliveira e Oliveira (2024) 	14
Análise linguística dos sinais	<ul style="list-style-type: none"> ● Belonia <i>et al.</i> (2017) ● Silva (2018) ● Leão (2020) ● Oliveira (2021) ● Santos e Rezende (2021) ● Oliveira (2023) 	6

Fonte: Elaborado pela autora (2026)

Este capítulo propõe, portanto, apresentar as discussões identificadas nos trabalhos analisados a partir das categorias de análise definidas no capítulo anterior, compreendidas como eixos interpretativos centrais para a compreensão das relações entre linguagem, raça e surdez. Assim, a discussão será organizada em torno de três núcleos analíticos que estruturam a leitura crítica do corpus: (i) o raciolinguismo e a produção de hierarquias no campo da surdez, examinando os modos pelos quais práticas linguísticas e sobre a Libras participam da manutenção de desigualdades raciais; (ii) a interseccionalidade, compreendida como espaço de tensão entre raça, surdez e linguagem, evidenciando as múltiplas camadas de opressão e resistência que atravessam a experiência de sujeitos negros surdos; e (iii) os sinais racializados em Libras e seus efeitos de sentido, focalizando a língua de sinais como espaço de materialização de ideologias raciais e de disputa simbólica.

3.1 Raciolinguismo e a produção de hierarquias no campo da surdez

“A língua é território em disputa, e que tal disputa é de poder” (Batista, 2021, p.91).

Consoante expresso por Batista (2021) no excerto acima, o caráter ideológico da língua revela a busca e disputa por poder. Dessa forma, “o sujeito terá seu posicionamento ideológico formado por suas crenças, valores, preferências, identidade e relações sociais” (Gomes, 2021, p.96). O sujeito surdo, por sua vez, ao ser pertencente ao campo da surdez, apesar de ser um espaço de produção de identidades culturais e linguísticas, não está isento das relações de poder historicamente estabelecidas na sociedade. Dado isso, é na intersecção entre a surdez e a negritude que o raciolinguismo revela sua maior complexidade e violência.

3.1.1 O Raciolinguismo em um campo de dupla diferença

O Raciolinguismo é um conceito que, segundo Nascimento (2019, p.78), se trata da “visão de língua como disciplinada por ideologias raciolinguísticas, em que as línguas são vistas como espaços de purificação e limpeza do projeto colonial”. Sendo assim, a linguagem é um lugar em que o racismo, enquanto estrutura básica e fundamental das sociedades modernas, materializa suas formas de dominação. Dessa forma, conforme Nascimento (2019, p. 14), “a língua é vista como uma marca de dominação e por onde também se dá a figura estruturante do racismo”. Explicitamente, “o raciolinguismo se manifesta em estudos que buscam racializar as práticas linguísticas para implementar políticas de exclusão” (Nascimento, 2019, p. 84). Nesses

casos, a inferioridade de uma língua é abertamente justificada pela subalternização do grupo racial que a profere.

Implicitamente, a estrutura raciolinguística colonial se sobrepõe em análises de discriminação linguística e racial. Acerca disso, Batista (2021, p. 84) indica que “no Brasil, podemos observar como as hierarquias raciais em muitos casos se sobrepõem às outras, pois se trata de uma sociedade altamente racializada e racista, um resquício de seu passado colonial”. O grande perigo da operação implícita do raciolinguismo reside na sua capacidade de mascarar o preconceito racial como um mero erro linguístico ou uma deficiência educacional. No que tange a esse aspecto, Batista (2021, p. 88) aponta que:

Essas hierarquias raciais são, muitas vezes, “rarefeitas” em hierarquias linguísticas que valorizam o mundo branco europeu e as elites colonizadas que com ele se parecem, inferiorizando e subalternizando corpos negros e indígenas, por exemplo, considerando suas práticas e usos linguísticos menos legítimos.

A crítica à norma, por conseguinte, torna-se uma crítica ao corpo que a transgride. Lima, Souza e Souza (2023, p. 59) ressaltam que “a colonialidade do poder-saber impera, sobremaneira, na imposição de uma língua, no controle da educação ao regular modos de pensar, de agir e de ser e, sobretudo, na manipulação e cooptação dos que estão do outro lado da linha”, o que conduz à invisibilização dos sujeitos.

Para Lima, Souza e Souza (2023, p.61)

a concepção ouvintista de normalidade – homem-ouvinte-branco-heterossexual-europeu – imprime uma “matriz de opressão”, que resulta em epistemologias hegemônicas, as quais desconfiguram outras existências no mundo, interditam vozes, promovendo, desse modo, a opressão e a subalternização pela construção do outro linguisticamente incapaz.

Assim sendo, no campo da surdez, essa matriz se manifesta no que Lima e Rezende (2022, p. 12) denominam de ideologia linguística colonial do déficit, em que as práticas escritas em português por pessoas surdas são analisadas como “o que falta na língua”. Sobre isso, os mesmos autores apontam que “a pessoa surda é submetida à acusação linguística pelo que falta na língua, recaindo sobre ela o peso de uma dupla violência – a ontoepistêmica (a falta no corpo se expressa como falta na língua)” (Lima e Rezende, 2022, p. 14).

3.1.2 *A associação entre marcadores raciais e avaliações negativas da linguagem*

A intersecção entre negritude e surdez se intensifica quando se considera o sujeito negro surdo, que vivencia a "dupla diferença" (Lima, 2021, p. 56). Essa autora afirma que, para “sujeitos ‘duplamente diferentes’, o estigma aumenta, pois há estereótipos existentes em relação aos surdos e aos negros”.

O raciolinguismo opera aqui como um multiplicador de vulnerabilidades, pois a identidade racial se sobrepõe à identidade surda na percepção social. No entanto, é importante ressaltar que as identidades não são únicas, mas multifacetadas e construídas a partir das relações e vivências. Sobre isso, Perlin (1998, p.19) afirma que “nessas identidades, no que as constituem diferentes, entram os diferentes aspectos históricos e sociais, a transitoriedade dos discursos representados e representantes de sujeitos. Existem diferentes possibilidades de identificação das identidades.”

Quando o conceito de raciolinguismo — em que a identidade racial vulnerabiliza ainda mais o sujeito — é inserido, a construção dessas identidades torna-se um campo de batalha ainda mais complexo. Isso porque, para o sujeito surdo negro, a identidade surda política — “trata-se de uma identidade que se sobressai na militância pelo específico surdo” (Perlin, 1998, p. 20) — enfrenta uma barreira interseccional.

Como o raciolinguismo atua como um agente potencializador de exclusões, a sociedade ouvinte hegemônica pode ler esse corpo primeiramente pela raça (negritude) e, secundariamente, pela surdez, ou usar uma para deslegitimar a outra. Isso pode empurrar o sujeito para o que Perlin (1998, p.22) chama de identidade surda flutuante ou incompleta, “esta identidade é interessante porque permite ver um surdo “consciente” ou não de ser surdo, porém, colonizado pelos ouvintes que continuam determinando seus comportamentos e aprendizados”. Essa identidade não tem acolhimento pleno na comunidade surda (se esta for racista) e sem acesso à comunidade ouvinte (pelo ouvintismo), esse sujeito corre o risco de viver segregado, sem uma referência identitária de "reexistência" sólida.

Diante desse cenário, se a Negritude é a tomada de consciência e a afirmação política da história e cultura negra, e a Surdidade é o processo de tornar-se surdo com orgulho e agência política, a Ouvintude deve ser compreendida como a 'norma invisível'. Assim como a Branquitude precisa ser nomeada para deixar de ser o 'universal humano', a Ouvintude precisa ser marcada. Enquanto o raciolinguismo expõe como a língua e a raça são usadas para dominar, a crítica à Ouvintude expõe como o ato de ouvir é transformado em capital de poder.

Assim sendo, no contexto do raciolinguismo, o sujeito surdo negro resiste a duas frentes da “normalidade” impostas socialmente: a Branquitude – que padroniza a estética e o intelecto eurocêntrico – e a Ouvintude – que padroniza a comunicação oral-auditiva. Desmantelar a Ouvintude é, conseqüentemente, retirar do ouvinte – branco, especialmente – o poder de definir quem é humano e quem é capaz, permitindo que as identidades surdas — especialmente as negras — transitem da condição de “flutuantes” ou “incompletas” para identidades políticas plenas.

Para Nascimento (2019, p. 58), o signo “negro” como um conceito novo, criado pela branquitude e não como um conceito natural. Além disso, para o mesmo autor, “o poder colonial foi perverso não apenas enquanto força estruturante, mas como uma forma de mitificar a própria branquitude, impedindo que ela seja concebida enquanto raça” (Nascimento, 2019, p. 58). Sendo assim, devido ao fato de a identidade negra ter sido criada pela branquitude como um conceito violento, seu caráter reivindicatório foi vedado.

A associação recorrente entre marcadores raciais e avaliações negativas da linguagem é, portanto, o cerne do raciolinguismo. De acordo Lima, Silva e Rezende (2021, p. 44), o sujeito negro surdo “está linguística e ontoepistemicamente aprisionado pela linguagem”, pois a língua se constitui como um lugar de opressão e reclusão, especialmente em graus mais profundos de surdez (Lima, Silva e Rezende, 2021, p. 45). Esse sujeito é violentado interseccionalmente.

Para Nascimento (2019, p.21),

a colonialidade fincou em torno de si na modernidade o ponto zero, sendo esse o lugar de partida. Ou seja, o colonizador, ao ser o ponto zero, impõe ao colonizado formas de organização que ele concede a partir de si como ponto zero. Isso cria a forma de racismo que, embora não vinculada biologicamente ao racismo de cor, tem nele seu ponto de partida e lhe é complementar. Trata-se do racismo epistêmico ou racismo científico.

Isso ocorre porque o racismo não se restringe à biologia, mas se complementa no racismo epistêmico (Nascimento, 2019, p. 21), que impõe e mantém o pensamento ocidental, “apagando e silenciando o conhecimento que não é eurocêntrico e branco” (Nascimento, 2019, p. 62). A crítica linguística, neste cenário, serve apenas como uma porta de entrada para a invalidação do próprio sujeito enquanto produtor legítimo de saber.

Conforme Lima (2021, p.77), “muitas vezes a identidade negra é vista primeiro, pois, a surdez muitas vezes é invisível, ou seja, não aparece”. Gomes (2021, p. 96), por sua vez, já destacava que o posicionamento ideológico de um sujeito é influenciado por suas crenças e

identidade. No contexto brasileiro, altamente racializado, esse pré-julgamento negativo é uma consequência histórica de processos de subjugação, massacre e inferiorização do corpo negro (Lima, 2021, p. 77). A avaliação negativa da linguagem, neste contexto, não é uma análise técnica da competência comunicativa, mas sim uma manifestação de repúdio ao corpo que a emite. Segundo Lima (2020, p.66):

A patologização da surdez, ou seja, a deformidade marcada nos corpos incapazes de recepção e de produção linguístico-sonora marca a diferença colonial no corpo surdo. Na racionalidade moderna ainda prevalece o pressuposto de que ser surdo(a) é ser doente, que essa doença é marcada no corpo, e que a oralidade representa a cura.

Nessa lógica, a imposição de distintos aspectos, entre eles o linguístico - especificamente do português oral/padrão, atua sobre a pessoa surda como uma ferramenta para controlar e “consertar” esse corpo, visto como deficitário pela lógica da colonialidade, ao tentar aproximá-lo da norma ouvinte. Como mencionado por Lima (2020, p.17), “construir alunos(as) linguisticamente incapazes parece ser uma forma de manter as ideologias linguísticas coloniais e fazer da escola o lugar da normalização (tornar normal) dos corpos por meio da linguagem. Portanto, ao exigir um português oral "padrão" e ignorar o “português de sinais”, a sociedade tenta normalizar o corpo surdo, apagando suas diferenças identitárias e transformando-o em um "ouvinte incompleto”.

3.1.3 *A deslegitimação e a reexistência das práticas linguísticas de pessoas negras surdas*

De acordo com Nascimento (2019, p.17):

A língua tem cor? Em si, como iniciamos anteriormente a argumentação, nenhuma língua tem cor porque nenhuma língua existe em si. Entretanto, ao serem politizadas, as línguas têm cor, gênero, etnia, orientação sexual e classe porque elas funcionam como lugares de desenhar projetos de poder, dentre os quais o próprio colonialismo fundado a partir de 1492 e a colonialidade que ainda continua entre nós como continuidade dele.

Dessa forma, observa-se que a deslegitimação das práticas linguísticas de pessoas negras surdas encontra suas raízes em processos históricos de segregação, o que comprova que as línguas têm cor, etnia e classe quando politizadas (Nascimento, 2019, p. 17). Lima (2021, p. 58) recorda o caso das escolas segregadas para crianças surdas brancas e negras nos Estados

Unidos. Essa separação resultou na diferenciação do uso das línguas de sinais, com a criação de novos dialetos e sinais nas comunidades negras. Este é um exemplo de como a segregação racial impacta diretamente a linguística, gerando variações que, ironicamente, são posteriormente estigmatizadas e consideradas inferiores pela norma dominante, a branquitude.

Segundo Lima (2021, p. 58) essa vivência demonstra que, a partir de suas experiências, “os negros surdos performativizavam sua língua conforme suas identidades”. No entanto, essa produção orgânica e legítima, que se dá na interação linguística e cultural (Lima, 2021, p. 78), é “constantemente interpelada pela ideologia do déficit, que acusa a pessoa surda pela "falta na língua" (Lima e Rezende, 2022, p. 14). Buzar (2012, p. 123) complementa que “as pessoas surdas negras sofrem um processo de sub-inclusão” nesse caso. Assim, as pessoas surdas negras sofrem racismo tanto dentro da escola, como no contexto social, o que acarreta uma série de problemas sociais e emocionais aos mesmos”. O impacto do raciolinguismo é, portanto, duplo: destrói a autoestima e a estabilidade social do indivíduo e, ao mesmo tempo, impede o reconhecimento de formas linguísticas válidas e culturalmente ricas.

Como resposta à “violência epistêmica” (Lima, Souza e Souza, 2023), surge a “urgência do decolonial como um espírito de resistência que não é invocado de fora para dentro, mas de dentro para dentro” (Nascimento, 2019, p. 71). Lima e Rezende (2022, p. 11), por seu tempo, defendem o surduguês como “uma reinvenção decolonial autêntica e libertadora, que coexiste com outras comunidades linguísticas subalternizadas para enfrentar a colonialidade”. Sobre isso, eles afirmam:

Sustentamos que essa língua significa a realidade da pessoa surda [e deve ser vista numa relação] em coexistência com o português de outras comunidades linguísticas subalternizadas como forma de enfrentamento das diversas formas de colonialidade. Não são línguas intermediárias, nem línguas crioulas nem interlínguas. São reinvenções decoloniais autênticas e libertadoras.

Essa perspectiva de coexistência linguística é um espaço político caracterizado pela polifonia ontoepistemológica (Lima e Rezende, 2022, p. 19), “por isso, a coexistência linguística não deve ser reduzida a um arquétipo das relações que sustentam o mito do ‘todos juntos e felizes para sempre’”. Nesse sentido, múltiplas formas de ser e de se expressar são reconhecidas como válidas, desmantelando a tirania da monocultura linguística.

Segundo Nascimento (2019, p.28), “é preciso que haja o devir-negro do mundo, protagonizado pela linguagem como espaço de emancipação e hegemonia dos grupos historicamente marginalizados”, tendo como mote a raça e sua desracialização discursiva,

material, social e linguística dos nossos corpos. Para que isso ocorra, é preciso que o sujeito surdo negro, que sofre o estigma da "dupla diferença", reivindique a linguagem como um espaço de resistência. Como indica hooks (2008, p.859), “imagino, então, as pessoas africanas ouvindo pela primeira vez o inglês como “a língua do opressor” e então re-ouvindo-a como um local potencial de resistência.”, transformando-a em uma armadura de luta.

Nascimento (2019, p. 81) aponta para a necessidade de racializar a branquitude para dismantelar o discurso que se coloca como universal. Para o autor, “a branquitude é um conceito móvel que apaga seus rastros de responsabilidade no mundo. É necessário, assim, sempre particularizar os brancos em seu discurso totalizante”. Essa desnaturalização da branquitude é crucial para que o raciolinguismo se torne visível e possa ser combatido em sua raiz. Nesse sentido, o negro, ao usar a linguagem para sua luta e reexistência, cumpre o dever de continuar existindo, sendo a pluralização da língua, através dos “letramentos de reexistência” (Nascimento, 2019, p. 48), uma forma de agir sobre o mundo e mudar a realidade.

Analogamente à proposta de racializar a branquitude, realizada por Nascimento (2019), para retirar a branquitude de sua invisibilidade, torna-se imperativo marcar politicamente a “ouvintude” para que a experiência de ouvir, no sentido físico da palavra, deixe de ser vista como a moldura humana universal, revelando as estruturas de opressão do ouvintismo, permitindo, assim, desconstruir a hegemonia que silencia as epistemologias surdas.”

3.2 Interseccionalidade: raça, surdez e linguagem em tensão

A compreensão da experiência do sujeito negro surdo exige uma ferramenta analítica que transcenda a análise isolada de marcadores sociais. Para isso, a interseccionalidade se apresenta como lente indispensável, operando como um "conceito 'guarda-chuva' muito produtivo:

A partir de um ponto de vista crítico das mulheres negras como uma coletividade, que potencializa seus domínios para as interrogações identitárias e lutas políticas de outros grupos subalternizados, como é o caso da coletividade surda. O feminismo negro e a formulação de um ethos que mobiliza o entrecruzamento de sistemas de opressão – patriarcado, colonialismo, racismo e sexismo – na análise das desigualdades sociais têm sido fundamentais para as lutas antirracistas e decoloniais (Santos, Fernandes e Silva, 2023, p.124).

Esse conceito permite "enxergar a colisão das estruturas de cultura/linguagem/epistemologia, raça/cor, gênero/sexualidade, classe e outras categorias de classificação social e de identidade" (Santos e Rezende, 2021, p.17) e pensar o corpo negro-

surdo, com suas vivências de sexualidade e com suas existências sociolinguísticas, interseccionalmente.

3.2.1 *A indissociabilidade da surdez e da raça na experiência de opressão*

Oliveira e Oliveira (2024, p.17) são categóricos ao afirmarem que "a matriz de poder colonial incutiu no surdo o não-lugar, a não-língua e o estereótipo de inumano", ancorando o sujeito surdo sob a narrativa do capacitismo. Entretanto, para compreender a profundidade dessa subalternização, é imperativo situar a ouvintude como o eixo central dessa engrenagem colonial. Se a matriz de poder nega ao surdo sua humanidade e linguagem, ela o faz porque estabelece, historicamente, a experiência ouvinte como "referencial hegemônico", o padrão universal e inquestionável de existência. Dessa forma, a exclusão do surdo não é um acidente, mas um projeto de manutenção de uma hegemonia que se recusa a se nomear, operando silenciosamente para validar apenas corpos e línguas que se conformam ao padrão auditivo.

Nesse contexto, a afirmação de Oliveira e Oliveira (2024, p.17) de que essa matriz cria a "contraimagem do sujeito sem deficiência" ganha novas camadas de significado. Essa contraimagem nada mais é do que a materialização da ouvintude: ao construir o corpo surdo como "falho" ou "incompleto", a sociedade reafirma o corpo ouvinte como o ideal de plenitude e capacidade. O capacitismo, portanto, atua como o braço armado da ouvintude, subalternizando o corpo surdo não apenas pela sua diferença fisiológica, mas porque ele desafia a lógica colonial que centraliza a audição como pré-requisito para a cidadania e para a própria condição humana.

No entanto, quando se adiciona o marcador racial, a experiência de opressão se intensifica, evidenciando que a vida do sujeito surdo negro não pode ser compreendida apenas por uma de suas dimensões. De Paula *et al.* (2023, p.400) apontam claramente para "um duplo preconceito que envolve a negritude e a surdez, por meio de três formas por meio das quais um indivíduo pode ser colonizado: a colonização do ser do saber e do poder".

Essa articulação remete à indissociabilidade entre os marcadores de preconceito. Lima e Rezende (2022, p.16) reforçam que "a noção de preconceito linguístico está vinculada à noção de outros preconceitos, tais como o racial, que leva ao racismo e ao racismo linguístico, porque corpo, linguagem e território formam uma unidade e são indissociáveis".

Neste sentido, a colonialidade do poder, que historicamente se iniciou com a classificação racial, extrapola o critério da raça no caso do surdo (Chaibue; Aguiar, 2014, p.13). No sujeito negro, esse critério racial é constitutivo da subalternização, agindo em conjunto com

o capacitismo. Quando essa condição se cruza com a surdez, o resultado é um corpo que, nas palavras de Santos e Rezende (2021, p.19), carrega uma marca de vulnerabilidade estrutural, pois "não existe nenhuma teoria capaz de superar a (re)existência de um corpo marcado para morrer".

Pensando nesse contexto, a vivência da pessoa surda negra não pode ser compreendida apenas pela surdez nem apenas pela raça, pois o corpo é a unidade na qual "as categorias que marcam e ferem o corpo são indissociáveis" (Santos e Rezende, 2021, p.6). Essa perspectiva rejeita a noção de que os sujeitos são "surdos/as ou negros/as simplesmente, ou separadamente, mas trata-se de olhar esses sujeitos como constituídos e produtores de entrecruzamentos identitários complexos" (Silva *et. al.*, 2023, p.6).

Segundo Oliveira e Oliveira (2024, p.14), a opressão sobre o sujeito negro surdo se enraíza na colonialidade do ser, um "instrumento de poder colonial que desumaniza o outro, nega a sua identidade e seus saberes, oprime o outro mediante o padrão da normalidade europeia e estadunidense, com padrões heteronormativos e capacitistas". Enquanto a "matriz da colonialidade afirma o lugar central da raça, do racismo e da racialização como elementos constitutivos e fundantes das relações de dominação" (Oliveira e Oliveira, 2024, p.16), a surdez é atingida por uma opressão com uma especificidade capacitista:

A colonialidade do ser enraizou um padrão normativo e instrutivo do corpo e da língua; assim sendo, os sujeitos surdos foram oprimidos por uma colonialidade do corpo normativo — clínico-patológico — e por uma colonialidade monolíngue — imposição da língua oral e desconsideração da comunicação dos surdos sinalizados (Oliveira e Oliveira, 2024, p.16).

Nessa lógica, o corpo que enuncia e vive a linguagem é duplamente demarcado e julgado. Lima e Rezende (2022, p.19) chamam a atenção para o fato de que "a língua hegemônica é destinada a um corpo que, no contexto desta discussão, precisa ouvir e falar [...]". Além de um padrão físico, Nascimento (2019) chama a atenção para o fato de que "esse corpo também tem uma cor predeterminada – não pode ser negro(a)".

Essa primazia da raça é notada na própria identificação e vivência, reforçando a diferença de experiência: "Branco surdos vivenciam experiências diferentes em comparação aos negros surdos e essas experiências, sobretudo as de segregação racial, devem ser combatidas" (De Paula *et al.*, 2023, p.409). Nesse sentido, a ativista Priscila Leonnor Alencar Ferreira, no estudo de Santos, Fernandes e Silva (2023, p.126), afirma que "em primeiro lugar vem a discussão sobre ser negro e depois sobre ser surdo, pelo fato de que, visualmente falando,

ser o aspecto que primeiramente chama a atenção e em segunda negros/as surdos/as instância a questão da pessoa surda”. Isso porque uma pessoa negra não consegue “esconder” que é negra, porque a raça é socialmente lida a partir de marcas corporais, sobretudo visuais, como a cor da pele.

No caso do corpo negro, o preconceito é antecipatório. Ele chega antes de qualquer demonstração de intelecto ou caráter, a pele atua como um uniforme que, em uma sociedade estruturalmente racista, carrega estigmas históricos instantâneos. O olhar do outro reduz o sujeito negro a estereótipos (de perigo, de servidão ou de hipersexualização) sem que ele precise mover um músculo. Dessa maneira, a racialização é uma sentença visual proferida à distância, é um julgamento a priori que dispensa a interação para existir.

Em contrapartida, a surdez habita o território do não-marcado. Em um mundo desenhado para ouvintes, presume-se a audição como padrão universal. Enquanto o surdo caminha na rua, ele goza de uma "normalidade emprestada". Ele não é lido como o "outro" até que a barreira da comunicação seja erguida. O ouvintismo é um preconceito de reação, ou a posteriori, ele surge no momento da "falha": quando a resposta oral não vem, quando a voz tem uma tonalidade diferente ou quando as mãos começam a sinalizar.

É nesse momento de revelação que a dinâmica muda drasticamente para a pessoa surda. A invisibilidade, que poderia ser um refúgio, torna-se uma armadilha. A sociedade ouvinte, ao perceber a surdez, frequentemente reage com estranhamento, impaciência ou infantilização. O sujeito, que segundos antes era visto como um igual, subitamente é deslocado para a categoria de "deficiente" ou "incapaz". A surdez, portanto, é uma identidade que precisa ser performada ou descoberta para ser politicamente situada, diferentemente da negritude, que é epidérmica e indissociável da imagem.

Quando cruzamos essas duas realidades — o surdo negro — a complexidade se aprofunda. Esse sujeito enfrenta a barreira visual imediata do racismo e, subsequentemente, a barreira comunicacional do ouvintismo. Ele pode ser temido ou discriminado pela cor da pele antes de falar. Ao tentar se comunicar - em Libras, por exemplo - pode sofrer uma segunda exclusão por não corresponder à norma oral. Nesse caso, a soma das exclusões cria um cenário em que o corpo é duplamente vigiado e silenciado: vigiado pela cor e silenciado pela falta de acesso a uma língua que não seja imposta por uma ideologia monolíngue.

Enquanto o racismo opera pela presença excessiva de significados atribuídos ao corpo, o preconceito contra o surdo opera pela ausência da oralidade esperada. Um é julgado pelo que parece ser, o outro é julgado pelo que não faz (não ouve/não fala como a maioria). Ambos, contudo, revelam a incapacidade da estrutura social hegemônica de lidar com a diferença sem

transformá-la em desigualdade. O corpo negro como hipervisível. O negro é visto pelo corpo, o surdo pela língua.

3.2.2 *Dupla marginalização, invisibilização e apagamento de experiências*

A experiência interseccionada do sujeito negro surdo é caracterizada pela dupla marginalização, que se manifesta nos planos racial e linguístico, e pela invisibilização dentro dos movimentos sociais e da produção acadêmica. Nesse sentido, o indivíduo negro e surdo é "duplamente afetado pela colonialidade do ser, face ao preconceito racial e, somado a ele, o preconceito e o estigma lançado sobre a pessoa deficiente, comumente interpretada como incapaz, corroborando a ideia de uma utilidade versus inutilidade social" (De Paula *et al.*, 2023, p.401).

No plano da linguagem, o lingüicismo é uma faceta do racismo, conforme aponta Batista (2021, p.90), ao demonstrar que a inferioridade é atribuída não à característica estrita da língua, mas "relacionando-as com os corpos que a usam". Assim, "ideologias de padronização e purismo linguístico têm sido usadas constantemente para apagar as "existências linguísticas" de muitos corpos" (Batista, 2021, p.91), reforçando que "assim, como temos visto desde os escritos de Franz Fanon, não importa o que os corpos subalternizados historicamente façam, eles continuarão sendo considerados incapazes e inferiores nos discursos de sujeitos hegemônicos".

De acordo com Buzar (2012, p.27), "a hegemonia da raça branca penetra até mesmo na comunidade surda e contribui sobremaneira para a invisibilidade da comunidade surda negra, resultando na marginalização deste grupo". De forma complementar, Santos, Fernandes e Silva (2023, p.127) observa que, "na comunidade surda, a surdez é considerada a importância primária, desconsiderando marcadores como raça, gênero, sexualidade, entre outras".

Essa perspectiva é denominada por Buzar (2012, p.68) como "abordagem superinclusiva", na qual as questões do subconjunto de surdos(as) negros(as) "são tratadas como se fossem apenas problemas de surdos(as), em uma supergeneralização", permitindo que "condições específicas, como a situação do racismo vivenciado por estas pessoas neste caso, seja camuflada e ignorada tanto no meio acadêmico, quanto nas políticas públicas" (Buzar, 2012, p.68).

Por outro lado, o movimento negro hegemônico também não abarca completamente suas especificidades, pois "os surdos(as) negros(as) possuem problemas específicos atrelados à sua condição, inclusive no que diz respeito ao preconceito, racismo e discriminação, que não

atingem aos ouvintes negros(as), sendo assim invisibilizados dentro da discussão mais ampla sobre racismo e discriminação racial do movimento negro" (Buzar, 2012, p.76). Dado isso, o apagamento de suas experiências na produção acadêmica é evidenciado pela dificuldade de diálogo, uma vez que "é comum que se fale sobre, mas não se fale junto, o que dificulta a criação de laços efetivos entre os alunos e os movimentos, tanto de negros, quanto de surdos" (De Paula *et al.*, 2023, p.406).

O cruzamento desses eixos de opressão gera o que Santos, Fernandes e Silva (2023, p.125) definem como o objeto da interseccionalidade: a compreensão da "complexa dinâmica das relações entre marcadores como gênero/sexo, idade/geração, raça/etnia, sexualidade/orientação sexual, classe social e as práticas de privilégios e de opressões delas decorrentes em nossa sociedade".

Sob essa ótica, a invisibilização das experiências dos sujeitos negros surdos ocorre tanto na sociedade mais ampla, dominada por estruturas racistas e capacitistas, quanto, paradoxalmente, dentro do próprio movimento surdo hegemônico, onde a identidade surda muitas vezes é abordada de forma universalizante. Diante disso, a emergência de suas narrativas e a ocupação de espaços tornam-se atos de (re)existência. A agência desse sujeito se manifesta no corpo e na linguagem. Silva e Lopes (2023, p.191) veem o corpo surdo como um espaço de contradição, de memória, de luta, de resistência, que utiliza "da materialidade discursiva da Libras para produzir sentidos". A língua de sinais, nesse contexto, é um poderoso instrumento de textualização de práticas ideológicas e de reconhecimento da própria diversidade e cultura (Silva e Lopes, 2023, p.192).

Santos, Fernandes e Silva (2023, p.129) definem as manifestações artísticas e culturais como "as manifestações estéticas da comunidade negra surda, sob a forma da arte da poesia, das narrativas da literatura surda, suas "escrivências visualiterárias" e essas operam como estratégias ativas de "agência de "ativistas" da luta negra surda" e de rompimento com "as significações que lhe são já-sempre determinadas" (Silva e Lopes, 2023, p.193). Dessa forma, a luta pela hegemonia (Oliveira, 2021) do sujeito surdo negro se dá no espaço de contradição, transformando a dupla marginalização em uma plataforma para a produção de novos saberes e identidades.

3.3 Sinais racializados em Libras e seus efeitos de sentido

A análise dos sinais racializados na Libras revela como a língua, enquanto fenômeno social, reflete e reproduz as estruturas de poder e as tensões raciais presentes na sociedade

brasileira. Dado isso, a intersecção entre raça e língua manifesta-se de forma contundente na comunidade surda, especialmente entre sujeitos negros surdos. Como aponta Belonia *et al.* (2017, p.276), a Libras não escapa de representar as relações políticas e sociais de seus comunicantes, pois em seus signos "ecoam os simbolismos de nossa sociedade, no qual o racismo e preconceito transparecem nas relações sociais".

Compreende-se, dessa forma, que os sistemas linguísticos são estruturados por metáforas simbólicas que viabilizam a troca de significados entre interlocutores. Nessa perspectiva, os sinais da Libras transcendem a mera função comunicativa, constituindo-se como signos ideológicos que carregam as marcas da realidade social da comunidade surda. Contudo, essa natureza ideológica muitas vezes mascara a presença de discursos opressores dentro das línguas viso-espaciais. Isso ocorre porque a Libras é frequentemente reduzida à esfera da inclusão, o que acaba por ocultar outras clivagens sociais cruciais, como o racismo. Ignorar que o corpo surdo é atravessado por marcadores de classe, gênero e raça permite que as opressões — que vão além da deficiência auditiva — permaneçam invisibilizadas, preservando, em última instância, a matriz colonial de poder. A nomeação de pessoas na Libras é intrinsecamente ligada às características físicas, dada a sua natureza gestual-visual. No entanto, essa identificação por traços fenotípicos não é neutra, pois "a língua possui contextos que podem denotar, ou camuflar, relações preconceituosas em seus signos, marcas de uma sociedade desigual" (Belonia *et al.*, 2017, p.726). Os estudos analisam como sinais relacionados a termos como "preto", "negro" e "branco" são construídos a partir de identidades raciais e percepções visuais.

Oliveira (2021, p. 64) argumenta que o racismo é uma ideologia que "'cimenta' relações sociais particularmente em um país atravessado historicamente por mais de três séculos de escravização de africanos abolida de forma conservadora tardiamente". Essa ideologia refletiu-se na criação de léxicos que estão "encharcados de valores", estabelecendo elos e ressonâncias verbo-visuais com as realidades que os circundam. Tal percepção se dá visto a história cultural e o perigo de generalizar, pois "nem todo negro tem cabelo crespo e nem toda pele é de cor branca".

Oliveira (2023, p. 22), indica que, em contextos sociais racistas, as categorizações de grupos minoritários são frequentemente moldadas pela perspectiva dos grupos dominantes. Nesse jogo de opressão, os opressores classificam a si a partir de centros de valores considerados positivos, colocando, do outro lado, o(s) outro(s) em pólos diametralmente opostos. Então, pessoas brancas categorizam negros como inferiores e repulsivos como forma de criarem significações opostas sobre si mesmos. Sobre isso, Santos e Rezende (2021, p.5)

indicam que o conhecimento dado como neutro é o produzido pelo corpo não marcado, aquele que é visto como não racializado.

Ao atentar para o caráter motivado do sinal, é possível depreender que a iconicidade talvez atue como âncora para metáforas que, potencialmente, estruturam o pensamento abstrato na Libras. A Libras, por suas características morfológicas, “pode ser particularmente afetada de modo a evidenciar uma colonização visual, que expõe de modo imediato o conteúdo do preconceito social em seu significado simbólico” (Belonia *et al.*, 2017, p. 726-727).

Pensando nisso, essa discussão usará como referente os sinais de “pret@/negr@”, “racismo” e “discriminação” para realizar uma breve análise dos signos em questão e seus significados. Logo, utilizar-se-á três sinais para o termo pret@/negr@ em Libras, segundo o glossário do Ines (Ines, s.d) e *SignBank* (Sign Bank, s.d.) , ambos podem ser utilizados para a cor preta ou para se referir a pessoas negras. Além disso, será usado um sinal para racista e um para discriminação, coletado no canal do Youtube Tarso TILSP.

Imagem 4 – Sinal 1 – pret@/negr@



Fonte: Ines (2024)

O sinal 1 faz menção a características fenotípicas estereotipadas da população negra, nesse caso, o cabelo crespo. Contudo, há certo senso comum de alguns ouvintes ao se depararem com a representatividade e esse tipo de sinal passa a ser visto como bom e aceitável a generalização a partir de uma característica física. Afinal, conforme ressalta Belonia *et al* (2017, p.726), nem todo negro tem cabelo crespo, ideia entendida subjetivamente por ouvintes pelo sinal escolhido. No entanto, alguns desses sinais aparentemente neutros e de uso comum, carregam e (re)produzem discursos perniciosos que estão a serviço de interesses racistas e da manutenção do *status quo* (Oliveira, 2023. p.26).

Segundo Carlos, do Canal do Youtube Carlos Cristian Libras (Libras, 2021), o sinal acima faz menção ao cabelo “pixaim”, termo esse que é utilizado recorrentemente para

caracterizar cabelos crespos, muito frisados, de pessoas negras. Na maioria das vezes em que essa palavra é proferida, ela tem uma significação negativa, de falta de limpeza, higiene. Ela é utilizada no intuito de ofender, diminuir, agredir a outra pessoa (Silva, 2018).

Imagem 5 – Sinal 2 – Pret@/Negr@



Fonte: Ines (2024)

Embora o sinal 2 faça alusão histórica ao carvão sobre a pele (Libras, 2021), cabe questionar a quem serve essa referência fenotípica e como ela é interpretada no encontro linguístico. Ao observarmos que o sinal de “branco” também se ancora na materialidade da pele, emerge uma indagação central: por que a iconicidade no sinal de negros é frequentemente lida sob a ótica do estigma, enquanto a de brancos goza de uma suposta neutralidade? Essa leitura não é inerente ao sinal, mas é produzida pelo olhar do observador (ouvinte ou surdo) posicionado na branquitude, que identifica no corpo negro a marca da diferença e no corpo branco a ausência de raça. Na iconicidade da Libras, isso se materializa na escolha de parâmetros que, para o negro, enfatizam o traço racializado como um dado biológico a ser destacado, enquanto para o branco, a iconicidade é higienizada e apresentada como um padrão universal e não-marcado.

Essa disparidade revela que, para além da visibilidade de traços como cabelo e pele (Silva, 2018), há uma valoração simbólica desigual operando na própria estrutura icônica da

língua, que naturaliza um grupo enquanto encarcera o outro em sua fenotipia. Conforme destaca Leão (2020, p. 24), “os traços fenotípicos serviram para manter um distanciamento econômico e político, mantendo uma relação de poder e de desigualdade entre diferentes grupos”. Na Libras, essa relação de poder é traduzida por um sistema de significação em que o sinalizante branco não se percebe como raça, mas como o “natural”, fazendo com que a iconicidade do sinal “BRANC@” seja lida como mera descrição, enquanto o sinal “NEGR@” é carregado de projeções ideológicas que remetem à subalternidade e ao distanciamento político.

Imagem 6 – Sinal 3 – Pret@/Negr@



Fonte: SignBank (2024)

O sinal acima, utilizado em Santa Catarina, tem configuração de mão e movimento similares aos sinais de pintura/pintar e desenho/desenhar. Segundo Oliveira (2023, p. 24), esse sinal aponta para a característica fenotípica cor da pele, dialogando com a ideia de que a pessoa branca seria aquela que não possui cor. O mesmo estudioso indica que “essa compreensão não é desprovida de sustentação, visto que utilizar a expressão racista pessoas de cor, para se referir a pessoas negras, é uma prática recorrente no Brasil”. As afirmações do autor promovem a reflexão acerca do caráter racista do mencionado sinal, no entanto, também é preciso considerar a racialização advinda da iconicidade em Libras.

Imagem 7 – Sinal 4 – Pret@/Negr@



Fonte: short “AFRODESCENTE (2) (afro-brasileiro, negro, preto, crioulo, tição, mulato) em Libras” do YouTube (Libras em prática, 2023).

O canal oficial “Libras em Prática” apresenta, de maneira interessante, que o autor do vídeo utiliza na legenda o termo 'afrodescendente', enquanto nas *tags* agrupa vários vocábulos socialmente utilizados como sinônimos. No entanto, o que se observa não é uma sinonímia linguística neutra, mas sim caracterizações distintas de identificação racial no Brasil, muitas vezes conflitantes entre si. Sendo assim, Ribeiro (2024, p. 24) indica que “o signo negro reflete e refrata os enunciados dos sujeitos que refletem e refratam sua caracterização histórica”. Ao agrupar termos como “negro” e “mulato” ou “preto” e “crioulo”, o canal apaga as disputas políticas contidas em cada nomeação: enquanto “negro” é um signo em processo de ressignificação e afirmação política, termos como “mulato” ou “crioulo” refratam heranças coloniais e processos de eugeniação que buscam a diluição da identidade negra. Portanto, essa suposta sinonímia mascara o fato de que cada escolha lexical em Libras projeta um efeito de sentido diferente, revelando que a mão que sinaliza está imersa em um cenário onde o sentido de 'ser negro' é constantemente disputado e redefinido pela memória social.

Imagem 8 – Sinal 1 – Pret@/Negr@



Fonte: segundos 0:08-0:09 do vídeo do YouTube “NEGRA” (Andrade, 2021)

Imagem 9 – Imagem equivalente ao sinal negr@



Fonte: segundos 0:41 do vídeo do YouTube “NEGRA” (Andrade, 2021)

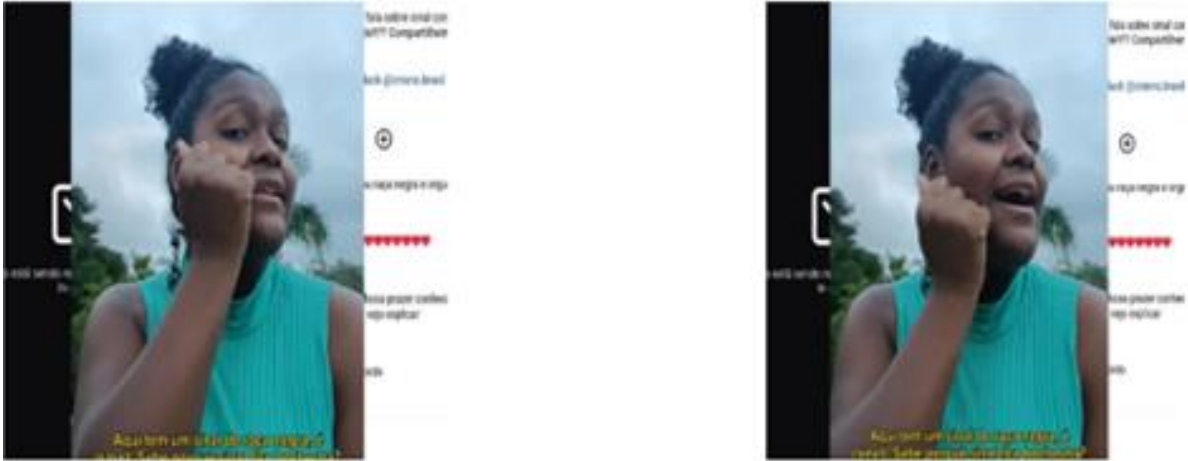
O canal chamado “Sérgio Andrade” (Andrade, 2021), apresenta, no vídeo acima, um relato sobre o sinal NEGR@. No vídeo, ele conta que, em sua juventude, frequentava o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e notou que alguns surdos usavam um sinal que ele desconhecia. Ele, então, perguntou para os jovens qual sinal que estavam usando e eles responderam que era o sinal NEGR@, que remetia ao uso de tranças bantu (Ribeiro, 2024, p. 27).

Para Sérgio, o sinal NEGR@ tem o intuito de informar a população sobre suas origens, algo que não é de fácil acesso na Libras, pois não temos acesso à origem dos sinais com facilidade (Ribeiro, 2024, p.29-30). Dessa maneira, para o mesmo autor, é importante observarmos como a interação entre o signo negro e a realidade de usar tranças nos enuncia um sinal que propõe marcar a característica de uma pessoa negra. O sinal NEGR@, portanto, estabelece um diálogo com o passado, no qual se consolidou como signo. Ao longo da história, ele interage com novos enunciados e reflete a realidade particular de cada sujeito, projetando-se para o futuro como a própria enunciação de seu significado.

Dessa maneira, o sinal NEGR@ funciona como um palimpsesto linguístico, no qual a marca histórica da estigmatização colonial não é apagada, mas sim ressignificada pela agência do sujeito surdo negro. Na perspectiva da raciolinguística, enquanto o "olhar do observador" branco pode capturá-lo sob o viés do estigma e da subalternidade, o sinalizante negro desloca o acento ideológico para a afirmação da ancestralidade e da reexistência. Portanto, ao sinalizar

a sua cor, o sujeito não apenas descreve uma característica, mas denuncia a violência histórica e projeta uma identidade que subverte a lógica da dor em orgulho e pertencimento político.

Imagem 10 – Sinal 4 – Pret@/Negr@



Fonte: reel do perfil “xy.iza” do Instagram (2023)

O vídeo acima localiza-se no perfil @xy.iza, de Mayara Izadora (Izadora, 2023). No vídeo em questão, ela apresenta o sinal de NEGR@ usado no Rio Grande do Sul, apontando que o estado possuía escravos e que por isso temos um histórico envolvendo relações racistas com a nossa realidade.

Segundo o relato de Mayara, há um senso comum de que o sinal para NEGR@ derivaria do sinal de COR, baseando-se na semelhança do parâmetro fonológico de movimento. Entretanto, ela esclarece que essa correlação é equivocada. Na realidade, o movimento refere-se ao ato de esfregar algo: uma herança de um contexto racista em que a negritude é associada à sujeira. Assim, a origem do sinal remete à ideia pejorativa de algo que precisaria ser limpo, evidenciando a carga discriminatória em sua gênese, sobre isso, Ribeiro (2024) ainda indica:

Segundo Mayara, uma pessoa negra surda, é possível afirmar que existe uma relação racista na língua. Este signo está enunciando seu contexto histórico racista na língua e ela, uma pessoa negra e surda, propõe um debate onde convida os espectadores a uma reflexão sobre este sinal, assim propondo uma mudança de sinal, pois aquele usado antes tem uma conotação, um contexto, e é um enunciado negativo que reflete o racismo na língua (Ribeiro, 2024, p. 33).

Dessa forma, a análise dos sinais para o termo NEGR@ em Libras revela que a língua não é um sistema neutro, mas um campo de disputa onde se manifestam a historicidade e as tensões sociais brasileiras. Dado isso, o signo linguístico evidencia que os sinais utilizados para

identificação racial carregam heranças que revelam racialidade, oscilando entre a resistência cultural e a reprodução de estigmas opressores.

Além dos sinais anteriormente descritos (imagem 1, 2 e 3), escolheu-se também o sinal de “racismo” para ser analisado, o que muito surpreendeu foi a ausência de resultados para a busca do sinal “racista”, o que, segundo Belonia *et al* (2017, p.730), nos remete à persistência da invisibilidade do racismo por sua naturalização. E essa invisibilidade, em uma língua gestomanual, e, portanto, notadamente ligada à visibilidade, agudiza o argumento da restrição institucional ao tema. No glossário do Ines e *SignBank*, o sinal racismo não estava disponível para verificação – o que já nos leva a indagar a motivação dessa ausência – sendo necessário buscá-lo em outras plataformas, como o YouTube, onde foi possível identificar o sinal a seguir:

Imagem 11 – Sinal racismo



Fonte: Canal Tarso TILSP – YouTube (TILSP, 2021)

O sinal em questão mais uma vez referência a cor de pele da pessoa negra, visto que é um derivado do sinal “discriminação”, no entanto, esse segundo não é feito evidenciando a cor de pele. Consoante Leão (2020), “a presença desse marcador em Libras assinala a atualização dos mecanismos de sustentação do racismo, evidenciando que o sinal também atua como uma materialidade de preservação de ‘formas de visão e assimilação de determinados aspectos do mundo’”. Observe:

Imagem 12 – Sinal discriminação



Fonte: Canal Tarso TILSP – YouTube (TILSP, 2023)

Entende-se, a partir dessa análise, que a Libras, por ser uma língua visual, naturalmente utiliza características físicas para identificar pessoas e coisas. Essa abordagem reflete uma forma de comunicação visual e implica em julgamentos de valor, apesar de muitas vezes isso não ser percebido pela comunidade surda. Acerca desse aspecto, Oliveira (2023), expõe:

A natureza visual da língua de sinais e seu forte grau de iconicidade não a isenta de seu comprometimento com os referentes sócio-políticos no mundo. Contrariamente, seu aspecto icônico ressoa os embates sociais, estando “tematicamente orientado para a vida, para seus acontecimentos, problemas e assim por diante” (Oliveira, 2023, p.8).

Os efeitos de sentido produzidos por esses sinais frequentemente perpetuam a estigmatização e a subalternidade, porque essa ocorre através de um mecanismo de raciolinguismo, no qual a iconicidade da Libras é utilizada para cristalizar estereótipos e traços fenotípicos negros de forma pejorativa, operando o que se define como uma "colonização visual". Esse processo se sustenta porque a branquitude se estabelece como o "ponto zero" — a norma universal e pretensamente neutra —, o que lhe confere o poder de nomear e marcar o corpo negro como um desvio ou um "outro" inferiorizado. Assim, ao reduzir o debate sobre a Libras apenas ao campo da inclusão da surdez, a matriz colonial de poder consegue camuflar discursos opressores e transpô-los para os sinais, fazendo com que a língua, em vez de ser apenas um instrumento de comunicação, atue como um signo ideológico que reitera hierarquias raciais e promove o epistemicídio das identidades surdas negras.

Oliveira (2023, p.16) destaca a construção de equações silogísticas onde "negritude = mal e branquitude = bom". Essa valoração semântica instaura divisões espaciais onde os considerados "não-limpos, isto é, os não-brancos [...] devem, portanto, sob o véu da naturalização, serem deslocados para os lugares da subalternidade".

Para Belonia *et al.* (2017, p.726), pelas suas características morfológicas, a Libras pode ser "particularmente afetada de modo a evidenciar uma colonização visual, que expõe de modo imediato o conteúdo do preconceito social em seu significado simbólico". Essa visibilidade agudiza que a língua reflete o meio social que "historicamente, excluiu em diferentes níveis, o negro como persona e como agente" (Belonia *et al.*, 2017, p.731).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar os efeitos ideológicos das hierarquias raciais nas construções de sentido em Libras, partindo da premissa de que a língua, longe de ser um instrumento neutro, é um território de disputa de poder e manutenção de estruturas sociais. Por meio de uma Revisão Sistemática de Literatura, foi possível constatar que a Língua Brasileira de Sinais, assim como as línguas orais, não está imune às heranças do colonialismo e do racismo estrutural que permeiam a sociedade brasileira.

Ao final deste percurso, tornou-se possível observar que a incorporação de características fenotípicas negras em sinais não é um mero recurso descritivo da iconicidade, mas uma naturalização de ideologias racializadas. A análise revelou que essa prática linguística contribui para a manutenção de uma matriz colonial de poder, na qual o corpo negro é subalternizado e o corpo branco é estabelecido como o "ponto zero" ou a norma universal não marcada.

A incorporação de características fenotípicas estereotipadas de pessoas negras na constituição dos sinais — como a referência à textura do cabelo ou ao formato do nariz — não apenas descreve, mas demarca uma posição de alteridade e inferioridade.

É fundamental destacar que essa marcação excessiva do corpo negro na Libras denuncia a operação da branquitude como norma invisível. Conforme discutido, a branquitude se mantém num lugar de conforto, não racializado, enquanto projeta no "outro" — o sujeito negro — uma identidade visual (re)calcada no estigma. Nesse sentido, a língua de sinais, em sua estrutura atual, ainda protege o privilégio branco, reservando a "caricatura" e a hipervisibilidade apenas para aqueles que fogem desse padrão hegemônico eurocêntrico.

Identificou-se, ainda, que a nomeação e a sinalização operam muitas vezes sob uma lógica de racialização que reforça estigmas. Sinais como o de "NEGR@/PRET@", que historicamente remetem a traços físicos ou à cor do carvão, exemplificam como a iconicidade visual pode carregar cargas valorativas negativas herdadas de uma matriz colonial de poder. Isso confirma a hipótese de que as ideologias linguísticas racistas produzem violências simbólicas que afetam diretamente a constituição da identidade do sujeito surdo negro.

Especificamente, pode-se inferir que a análise de sinais específicos (como PRET@/NEGR@ e RACISMO) evidenciou como a iconicidade da Libras pode ser capturada por uma lógica eurocêntrica. A pesquisa confirmou a existência de uma "colonização visual" que expõe preconceitos sociais em sua estrutura semiótica, contrastando com o sinal de BRANCO, que tende a ser normalizado e associado ao sentido geral de pele ou neutralidade./

Além disso, discutiu-se a articulação de como a sobreposição das opressões de raça e surdez intensifica a marginalização do sujeito surdo negro. A pesquisa demonstrou que esse sujeito sofre um silenciamento interseccional: é nulificado na dimensão racial pela sociedade hegemônica e na dimensão sensorial-linguística pelo ouvincentrismo. A língua, portanto, revelou-se um espaço de disputa simbólica onde a identidade negra surda precisa ser constantemente reafirmada contra o apagamento.

Outrossim, o mapeamento da amostra indicou uma predominância de discussões sobre raciolinguismo e colonialidade (50% da amostra), fornecendo um panorama atualizado sobre como as hierarquias raciais são percebidas no campo da surdez. Nesse contexto, a pesquisa evidenciou a complexidade da interseccionalidade vivida por este sujeito. O surdo negro encontra-se em um entrecruzamento de opressões que resulta em um silenciamento interseccional: a invisibilidade dentro da comunidade ouvinte pela surdez e a marginalização dentro da comunidade surda pelo racismo. Os dados da RSL apontaram que, embora as discussões sobre raciolinguismo estejam presentes, a abordagem específica sobre a interseccionalidade ainda se mostra incipiente.

Dessa forma, o cenário revelado pela Revisão Sistemática não é apenas um dado estatístico, mas um sintoma do epistemicídio que opera na academia, visto que há o apagamento de pesquisas acerca da temática. O fato de terem sido encontrados poucos estudos relevantes em um recorte de 15 anos — com a maioria concentrada apenas nos últimos três anos — escancara o silenciamento histórico a que a temática da surdez negra foi submetida. Essa escassez teórica reflete a falta de interesse institucional em confrontar o racismo que se esconde sob o viés da inclusão e da acessibilidade linguística.

Diante disso, as reflexões aqui tecidas apontam para a necessidade urgente de uma reformulação nas práticas de ensino e na formação de intérpretes e professores de Libras. Não basta ensinar o léxico, é preciso interrogar a etimologia visual dos sinais e o peso histórico que eles carregam. Uma educação de surdos que pretenda ser antirracista deve, obrigatoriamente, passar pelo questionamento desses sinais racializados e pela proposição de novas formas de enunciação que respeitem a dignidade e a ancestralidade da pessoa negra.

Portanto, é imperativo desvelar e combater as ideologias racistas que se camuflam na visualidade da Libras. Reconhecer a língua de sinais como um constructo ideológico é o primeiro passo para uma prática linguística descolonizadora. Espera-se que este estudo contribua para fomentar uma consciência crítica entre pesquisadores, intérpretes e docentes, visando a construção de uma Libras que, ao invés de reiterar hierarquias, possa servir como espaço de resistência e afirmação identitária para a comunidade surda negra.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. **NEGRA**. 2021. 1 min 31 s, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k3YcC2ecZ9c>. Acesso em: 12 ago. 2024.

BABBIE, E. R. **A prática de pesquisa social**. 13^a ed. Belmont: Wads Worth Publicação, 2012.

BATISTA, T. E. P. Intersecções entre ideologias linguísticas e raciolinguísticas na manutenção de hierarquias raciais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 60, n. 1, p. 82–95, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8661799>. Acesso em: 24 jun. 2022.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. **Voices of Modernity: language ideologies and politics of inequality**. Cambridge: University Press, 2003.

BELONIA, T. C. *et al.* Cor e etnia, sinais do preto e branco questões étnicas de raça, cor e identidade em Libras. In: I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes, 1., 2017, Niterói. **Anais eletrônicos [...]** Rio de Janeiro, 2017. 14.p. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://nuedisjornadacientifica.weebly.com/uploads/1/0/5/0/105033325/61_cor_e_etnia_sinais_do_preto_e_branco.pdf. Acesso em: 28 ago. 2024.

BLOMMAERT, J. Language Ideology. In: Brown, K. (org.). **Encyclopedia of Language&Linguistics**, vol. 6, p. 510-522. 2006.

BRITO, L. F. de P.; REZENDE, T. F.; LIMA, H. J. de. Educação linguística plural para consolidação dos direitos humanos para a diversidade. **Caderno de Linguagem e Sociedade**. v. 22, n.1, 2021.

BUZAR, F. J. R. **Interseccionalidade entre raça e surdez: a situação de surdos(as) negro(as) em São Luís – MA**. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Brasília, 2012.

CHAIBUE, K.; AGUIAR, T. C. A colonialidade sobre o surdo. **Revista Virtual de Cultura Surda**. Ed. 13. Set. – 2014. Disponível em <https://editora-arara-azul.com.br/wp-content/uploads/2023/08/4o-Artigo-para-Revista-14-de-autoria-de-KARIME-CHAIBUE-e-THIAGO-CARDOSO-AGUIAR.pdf>. Acesso em 30 jul. 2024.

DAVIES, H, T. O.; NUTLEY, S. M. The Rise and Rise of Evidence. **Health Care, Public Money & Management**, p. 9-16, 1999.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The SAGE handbook of qualitative research**. Los Angeles: SAGE, 2018.

DE PAULA, W S. Perspectiva decolonial: um olhar sobre a negritude e surdez. **Interfaces Científicas - Humanas E Sociais**. v, 10, n.1, pp. 397–413, 2023. Disponível em <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/11379>. Acesso em 04 ago. 2024.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FINK, A. **Conducting research literature reviews: From the Internet to paper** (2nd ed.). Thousand Oaks: Sage, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, L. M. **Os sinais-nomes pela perspectiva da análise do discurso**. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Amazonas, 2021.

HOOKS, B. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. **Revista de Estudos Feministas**, v.16, n.3, p.857-864, 2008.

INES. **Dicionário de Libras**. s.d. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>. Acesso em 18 ago. 2024.

IRVINE, J. T. When talk isn't cheap: language and political economy. **American Ethnologist**, v. 16, n. 2, p. 248-267, 1989.

IZADORA, M. **Galera! Esse vídeo fala sobre sinal correto de raça preta! Bora melhorar a sociedade!!?? Compartilhem!** [S.l.]. 28 abr. 2023. Instagram: @xy.iza. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CrIXqzCujll/>. Acesso em 10 ago. 2024.

KROSKRITY, P. V. **Language Ideologies: practice and theory**. New York/Oxford: Oxford University Press, 2006.

LEÃO, C. T. **Entre o visível e o invisível: a branquitude e as relações raciais nos conteúdos curriculares de ensino de história**. 107 f. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História. Porto Alegre, 2020.

LEHFELD, N. A. S.; BARROS, A. J. P. B. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis: Vozes, 1991.

LEITE, L. de S.; CABRAL, T. B. Educação de surdos e colonialidade do poder linguístico. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 37, n. 2, pp. 425–444, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/57605>. Acesso em: 15 jul. 2024.

LIBRAS, C. C. **PRETO ou NEGRO em LIBRAS - você usa certo ou ofende?**. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b6VvZ55LWDA>. Acesso em 10 ago. 2024.

LIBRAS EM PRÁTICA. **AFRODESCENDENTE (2) (afro-brasileiro, negro, preto, crioulo, tição, mulato) em Libras**. 2023. 8 s, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/99fIEncE1o>. Acesso em: 11 ago. 2024.

LIMA, C. de S. M.; SOUZA, K. F. de S.; SOUZA, S. L. de. Perspectivas (de)coloniais na educação linguística: uma análise de concepções monolíngues nas práticas escolares para/com pessoas surdas. **Revista Linguagem & Ensino**. v. 26, n.1, jan/abr. – 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/25701/19018>. Acesso em 02 ago. 2024.

LIMA, F. da S.; SILVA, K, de S. **Teorias críticas e estudos pós e decoloniais à brasileira: quando a branquitude acadêmica silencia raça e gênero**. Coluna Empório Decolonial. 2020. Disponível em: <https://emporiododireito.com.br/leitura/teorias-criticas-e-estudos-pos-e-decoloniais-a-brasileira-quando-a-branquitude-academica-silencia-raca-e-genero>. Acesso em 01 ago. 2024.

LIMA, H. J. de. **Interpretação transemiótica de práticas sociolinguísticas expressas em português escrito por pessoas surdas**. 192f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Goiás, 2020.

LIMA, H. J. de; REZENDE, T. F. Políticas e planejamento oficiais de manutenção da ideologia linguística colonial do déficit. **Working Papers em Linguística**, v. 23, n.2, Florianópolis, 2022. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/366415776_Políticas_e_planejamento_oficiais_de_manutencao_da_ideologia_linguistica_colonial_do_deficit. Acesso em 03 ago. 2024.

LIMA, H. J. de; SILVA, M. M. da; REZENDE, T. F. O encarceramento da existência da pessoa surda na/pela linguagem. **Revista Diálogos - Fluxo contínuo**. v. 9, n. 2. mai./ago. – 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/11673>. Acesso em 07 ago. 2024

LIMA, L. I. G. de. **Surdez e negritude: uma pesquisa sobre a identidade negra no uso da Libras**. 157f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em Letras. Minas Gerais, 2021.

MACHADO, R. N. **A construção de sentidos por Indicadores Não Manuais em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): um estudo baseado em frames**. 82f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Natal. 2020.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MIGNOLO, W. **Desobediência epistêmica: retórica de La modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de ladecolonialidad**. Buenos Aires: Del Signo, 2010.

MORAES, P. R. de *et al.* **A teoria das representações sociais**. Unisepe. 2024. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/teoria_representacoes.pdf. Acesso em: 02 abr. 2025.

MUNIZ, K. Ainda sobre a possibilidade de uma linguística "crítica": performatividade, política e identificação racial no Brasil. **Revista DELTA**. Set-Dez, 2016.

NASCIMENTO, G. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem**. Belo Horizonte: Letramento. 2019.

OKOLI, C. et al. Guia para realizar uma Revisão Sistemática de Literatura. **EAD em Foco**, v. 9, n. 1, 2015.

OLIVEIRA, C. A. M. de. **A cor do sinal: circulação de discursos racistas em Libras**. 31 f. Monografia (Graduação em Letras Libras) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Curso de Licenciatura em Letras Libras. Maceió, 2023.

OLIVEIRA, D. de. **Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica**. 1. ed. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

OLIVEIRA, W. M. M. de; OLIVEIRA, I. A. de. A colonialidade do ser surdo: construto da colonialidade do corpo normativo e da colonialidade monolíngue. **Revista de Políticas Públicas**. v. 28, n. 2, jan/jun. pp. 13-32, 2024. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/23959>. Acesso em: 15 jul. 2024.

PEREIRA, A. S. dos S. Surdidade(s): corpos surdos atravessados por múltiplas linguagens. **Seminário de pesquisa do DLLARTES**. v. 10, n. 1, 2022. Disponível em <https://www.revistas.uneb.br/asipc/article/view/17321>. Acesso em 22 jul. 2024.

PERLIN, G. As diferentes Identidades Surdas. **Feneis**, v. 4, n. 14, p. 15-16, 1998.

PERLIN, G. **O lugar da cultura surda**. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini. (Org.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004

PINTO, J. P. Ideologias linguísticas e a instituição de hierarquias raciais. **Revista ABPN**. v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: Letramentos de Reexistência, janeiro de 2018, p.704-720.

RIBEIRO, L. E. L. **Negro ou preto? Uma análise bakhtiniana sobre os sinais raciais na Libras**. 38f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Curso de Letras – Tradução e interpretação de Português/Libras. Porto Alegre, 2024.

ROCHA, C. H., *et al.* Educação de surdos, letramentos e translinguagem na pós-modernidade: palavras e movimentos iniciais. **D.E.L.T.A.**, v. 39, n. 1, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/delta/a/PpRWHvKwrSmH3LTcWT4g7rm/?format=html&lang=pt>. Acesso em 01 ago. 2024.

ROSA, J.; FLORES, N. Unsettling race and language: Toward a raciolinguistic perspective. **Language and Society**, v. 46, n. 5, p. 621-647, 2017.

SALES JUNIOR, R. Democracia racial: o não-dito racista. **Tempo social**, v. 18, n. 2, p. 229-258, 2006.

SANTOS, R. de L.; FERNANDES, S. de F.; SILVA, P. V. B. da. Negros/as surdos/as: reflexões sobre interseccionalidades e resistências. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 26, n. 1, Jan-Abr. 2023. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/25728>. Acesso em 02 ago. 2024.

SANTOS, I. A.; REZENDE, T. F. Letramentos dos corpos: direitos linguísticos e existenciais das pessoas negras surdas. **Revista Educação**, v. 46, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao>. Acesso em: 12 mar. 2025.

SIGN BANK. **Dicionário de Libras**. s.d. Disponível em: <https://signbank.libras.ufsc.br/pt>. Acesso em 18 ago. 2024.

SILVA, *et al.* Translinguagem, decolonialidade e Educação Linguística para Surdos no Sul Global: Novos caminhos para o acesso epistêmico e a afirmação de identidades. **Revista Linguagem & Ensino**. v. 26, n. 1. Jan/abr – 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/25685/19011>. Acesso em 02 ago. 2024.

SILVA, F. C. da. Feições do racismo no conto “Pixaim”, de Cristiane Sobral. Aletria: **Revista de Estudos de Literatura**, v. 28, n.4, p. 103–117, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.28.4.103-117>. Acesso em 02 set. de 2024.

SILVA, H. F. da; LOPES, M. Slam de poesia em Libras: Dos efeitos de sentidos produzidos pelo corpo poético surdo. **Crítica Cultural**, Palhoça, SC, v. 18, n. 1, p. 185-195, jan./jun. 2023.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, p. 31-41, 2009.

SILVERSTEIN, M. **Language Structure and Linguistic Ideology**. In: Clyne, P. R.; Hanks, W. F.; Hofbauer, C. L. (org.). *The Elements: a parasession on linguistic units and levels*. Chicago: Chicago Linguistic Society, p. 193-247. 1979.

SOARES, L. S. A cultura e a identidade e surda: formas de resistência à colonialidade do poder linguístico. **Seminário Interlinhas**. v. 8, n. 1 e 2, 2020.

SOUSA, A. B. de A.; JÚNIOR, J. R. L. B. A recategorização e os efeitos de humor na piada de surdo em Libras: uma análise da construção de sentidos do referente “surdo” no texto sinalizado. **Linha D’Água**: São Paulo, v. 37, n. 03, p. 352-372, jul.-set. 2024.

SPIVAK, G. C. 1942. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TILSP, T. **Sinal de RACISMO em Libras**. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V9hJZGj2L1w>. Acesso em 10 ago. 2024.

TILSP, T. **Sinal de DISCRIMINAÇÃO em Libras**. Youtube, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3jC4gFa-n0o>. Acesso em 10 ago. 2024.

VIZEU, F.; TORRES, K. R.; KOLACHNEK, L. M. P. Revisão sistemática de literatura? Depende! Limites de procedimentos quantitativos de análise de literatura na área de Administração. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 21, n. 2; p. 213-241, 2022. Disponível em: <https://www.periodicosibepes.org.br/index.php/recadm/article/view/3605>. Acesso: 22 de fev. 2024.

VIDAL NUNES, M.; GOMES PORTELA, M. As representações sociais da identidade surda e o direito ao reconhecimento. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 11, n. 1, 2017.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem/** Valentin Volóchinov; tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo – São Paulo: Editora 34, 2021 (3ª edição) 376 p.

WOOLARD, K. A. **Introduction: language ideology as a Field of inquiry**. In: SCHIEFFELIN, Bambi; WOOLARD, Kathryn A.; KROSKRITY, Paul V. (eds.). *Language Ideologies: practice and theory*. New York/Oxford: Oxford University Press, p. 3-47, 1998.